



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RENATA FANTAUSSI

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS:
UMA TIPOLOGIA DE ATIVIDADES PARA PRÁTICAS
ANTIRRACISTAS**

Londrina
2023

RENATA FANTAUSSI

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE INGLÊS:
UMA TIPOLOGIA DE ATIVIDADES PARA PRÁTICAS
ANTIRRACISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual de Londrina - UEL,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Letras Estrangeiras Modernas.

Orientadora: Profa. Dra. Denise I. B. G. Ortenzi

Londrina
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Fantaussi, Renata.

Letramento racial crítico no ensino-aprendizagem de inglês : uma tipologia de atividades para práticas antirracistas / Renata Fantaussi. - Londrina, 2023.
61 f. : il.

Orientador: Denise I. B. G. Orteni.

Dissertação (Mestrado em Letras Estrangeiras Modernas) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. teoria racial crítica - Tese. 2. letramento racial crítico - Tese. 3. antirracismo na educação - Tese. 4. ensino de inglês na educação básica - Tese. I. Orteni, Denise I. B. G.. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas. III. Título.

CDU 37

RENATA FANTAUSSI

**LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE
INGLÊS:
UMA TIPOLOGIA DE ATIVIDADES PARA PRÁTICAS ANTIRRACISTAS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras Estrangeiras Modernas.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Orientadora Dra. Denise I. B. G. Ortenzi
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Profa. Dra. Ione da Silva Jovino
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Profa. Dra. Michele Salles El kadri
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Londrina, 27 de julho de 2023

AGRADECIMENTOS

À Silvana Martins dos Santos, um dos meus olhos neste trabalho, minha amiga, que me apresentou os estudos étnico-raciais, que descortinou meus olhos na graduação e sempre me incentivou e acreditou no meu trabalho.

À minha orientadora, Dra. Denise Ortenzi, pelos ensinamentos, paciência e suporte durante todo o mestrado.

Às Professoras Dra. Michele El Kadri e Dra. Lilian Chimentão, por terem me apresentado o Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM) e terem acreditado em mim desde o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Aos meus alunos, que me motivam a continuar todos os dias e que também são meus maiores apoiadores.

À minha mãe que cuida e torce por mim, apoiando minhas escolhas e se orgulhando delas.

RESUMO

FANTAUSSI, Renata. **Letramento racial crítico no ensino-aprendizagem de inglês**: uma tipologia de atividades para práticas antirracistas. 2023. 61 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana tornou-se obrigatório no currículo escolar com a implementação da Lei no. 10.639/03 (BRASIL, 2003). No entanto, segundo Gomes (2010), alguns fatores dificultam a construção de uma educação antirracista no Brasil, tais como: a ausência da lei nas orientações do Programa Nacional do Livro didático (PNLD) e a pouca sistematização e divulgação dos saberes produzidos pela comunidade negra nos meios acadêmicos e para os profissionais da educação básica. Parte-se do pressuposto de que o ensino de língua inglesa com práticas antirracistas pode contribuir para a efetivação da Lei no. 10.639/03. Assim sendo, busca-se encontrar meios de realizar a transposição didática (CHEVALLARD, 1997) da referida lei por uma perspectiva antirracista que desse suporte ao desenvolvimento de atividades didáticas. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma tipologia para a educação antirracista no ensino de inglês, baseada nos princípios da Teoria Racial Crítica (TRC) (FERREIRA, 2006, 2015) (LADSON-BILLINGS, 2002) e do Letramento Racial Crítico (LRC) (FERREIRA, 2006, 2015). A partir de uma revisão de literatura, foram compilados os conceitos e os princípios da educação antirracista que compõem o eixo conceitual (LEITE, 2018) da tipologia, que compreende racismo e antirracismo na educação (CAVALLEIRO, 2001; GOMES, 2010, 2012) e conceitos sobre branquitude (CARONE; BENTO, 2014; SCHUCMAN, 2014). O eixo pedagógico (LEITE, 2018) da Teoria Racial Crítica (FERREIRA, 2006, 2015). A tipologia é ilustrada por meio de atividades que compõem o *e-book English for All*, produto educacional elaborado no Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Palavras-chave: teoria racial crítica; letramento racial crítico; antirracismo na educação; ensino de inglês na educação básica.

ABSTRACT

FANTAUSSI, Renata. **Critical Racial Literacy in English teaching and learning: a typology of activities for anti-racist practices.** 2023. 61 f. Dissertation (Professional Master's Degree in Modern Foreign Languages) – State University of Londrina, Londrina, 2023.

The teaching of Afro-Brazilian and African history and culture became mandatory in the school curriculum with the implementation of Law No. 10.639/03 (BRAZIL, 2003). However, according to Gomes (2010), some factors hinder the construction of an anti-racist education in Brazil, such as: the absence of the law in the guidelines of the National Textbook Program (PNLD – Portuguese acronym) and the little systematization and dissemination of knowledge produced by the Black community in academic circles and for professionals in basic education. It is assumed that teaching English with anti-racist practices can contribute to the implementation of Law No. 10,639/03. Therefore, it is aimed at finding ways to carry out the didactic transposition (CHEVALLARD, 1989, 1997) of the aforementioned law for an anti-racist perspective that would support the development of didactic activities. This work seeks to present a typology for anti-racist education in English teaching, based on the principles of Critical Racial Theory (CRT) (FERREIRA, 2006, 2015) Critical Racial Literacy (LRC) (FERREIRA, 2006, 2015). From a literature review, the concepts and principles of anti-racist education were compiled that make up the conceptual axis (LEITE, 2018) of the typology, which comprises racism and anti-racism in education (CAVALLEIRO, 2001; GOMES, 2010, 2012) and concepts of whiteness (CARONE; BENTO, 2014; SCHUCMAN, 2014). The pedagogical axis (LEITE, 2018) of Critical Racial Theory (FERREIRA, 2006, 2015). The typology is illustrated through activities that make up the e-book *English for All*, an educational product developed in the Professional Master's Degree in Modern Foreign Languages (MEPLEM) at the State University of Londrina (UEL).

Keywords: critical racial theory; critical racial literacy; anti-racism in education; teaching english in basic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os perigos de uma história única	32
Figura 2 – Discriminação linguística e o eurocentrismo.....	33
Figura 3 – Privilégio branco	35
Figura 4 – <i>Ebonics</i>	36
Figura 5 – Campanha escolar antirracista em forma de <i>post</i> no <i>Instagram</i>	37
Figura 6 – Heroínas negras.....	38
Figura 7 – Estereótipos de mulheres negras	40
Figura 8 – Protagonismo negro na mídia	41
Figura 9 – Repercussão de imagens com brancos e negros	43
Figura 10 – <i>Storytelling</i>	44
Figura 11 – Escolhas lexicais nas relações étnico-raciais	45
Figura 12 – Heranças Africanas na língua portuguesa do Brasil.....	46
Figura 13 – Discussão do AAVE	47
Figura 14 – Conceitos de estereótipos midiáticos em relação à mulher negra de classe social mais baixa	48
Figura 15 – Exemplos de histórias únicas	49
Figura 16 – Exemplos de como dialogar sobre privilégio branco	50
Figura 17 – Exemplos de discriminação linguística	51
Figura 18 – Documentário da Chimamanda.....	52
Figura 19 – Exemplos de como os alunos podem participar de ações que buscam o engajamento social	53
Figura 20 – Exemplo de Campanha antirracista	54
Figura 21 – Ação voltada à representação da ancestralidade africana	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAVE	<i>African-American Vernacular English</i>
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CLS	<i>Critical Legal Studies</i>
DEDI	Departamento da Diversidade
EM	Equipe Multidisciplinar
EUA	Estados Unidos da América
LRC	Letramento Racial Crítico
MEPLEM	Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
NEREA	Núcleo de Educação das Relações Étnico-Raciais e Afrodescendência
SEED	Secretaria Estadual de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TRC	Teoria Racial Crítica
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1	O SURGIMENTO DA TEORIA RACIAL CRÍTICA E SEUS CINCO PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS	17
2.2	OS PRINCÍPIOS DA TEORIA RACIAL CRÍTICA RELACIONADOS COM A LEI N. 10.639/03	19
3	METODOLOGIA	24
4	RESULTADOS	27
5	TIPOLOGIA DE ATIVIDADES PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE INGLÊS	30
5.1	Tipo 1: Atividades De Estudo Relacionados Às Questões Étnico- Raciais	30
5.1.1	Compreender informações em textos sobre pessoas negras de destaque.....	31
5.1.2	Refletir e questionar o eurocentrismo.....	32
5.1.3	Refletir sobre o privilégio branco.....	34
5.1.4	Pesquisar em diferentes fontes sobre assuntos relacionados a questões étnico-raciais.....	35
5.1.5	Produzir Textos de Diferentes Gêneros Sobre Problemáticas Racistas	36
5.2	Tipo 2: Atividades Para Reflexão Sobre Representatividade.....	37
5.2.1	Analisar imagens com pessoas negras em diferentes meios.....	39
5.2.2	Analisar o modo como a pessoa negra está representada.....	40
5.2.3	Analisar o ponto de vista subjacente à imagem.....	41
5.2.4	Analisar a repercussão de publicação de imagens.....	41

5.2.5	Analisar o modo como a pessoa negra está representada em relação à branca.....	42
5.2.6	Discutir os conceitos do Letramento Racial Crítico.....	43
5.2.7	Relatar experiências com questões raciais.....	43
5.2.8	Analisar escolhas lexicais	44
5.3	Tipo 3: Atividades De Reflexão Contexto Social	45
5.3.1	Analisar sobre as questões étnico-raciais no próprio contexto.....	45
5.3.2	Eliciar opiniões sobre a prática social relacionada ao conceito de letramento racial crítico.....	46
5.3.3	Identificar a intercentricidade entre as formas de subordinação incluindo raça, gênero e classe social.....	47
5.3.4	Refletir sobre produtos culturais e perspectivas interdisciplinares	48
5.3.5	Comparar questões raciais entre contexto nacional e outros contextos.....	49
5.4	Tipo 4: Atividades Para Desenvolver A Linguagem Para A Prática Social	49
5.4.1	Desenvolver vocabulário no campo lexical do racismo e antirracismo.....	49
5.4.2	Desenvolver o conhecimento de gêneros escritos	50
5.4.3	Analisar o contexto de produção de textos (oral, escrito e multimodal)	50
5.4.4	Desenvolver o conhecimento de gêneros orais e compreensão oral	51
5.5	Tipo 5: Atividades Para Engajamento Social	52
5.5.1	Identificar grupos que atuam em prol de uma causa antirracista.....	52
5.5.2	Inserir-se em grupos que atuam em prol de uma causa antirracista.....	52
5.5.3	Divulgar informações em prol de uma causa antirracista.....	53
5.5.4	Criar textos verbais e não verbais promovendo a visibilidade das minorias (dos grupos subalternos)	54

6	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Na última década, tem havido um aumento de debates sobre as questões raciais em vários setores da sociedade, no Brasil e no mundo. Movimentos como “*Black lives Matter*”¹ ganharam mais atenção e reprodução midiática. Artistas, ativistas e militantes negros movimentam seus perfis nas redes sociais, a fim de alertar a população contra o racismo e a violência policial sofrida pela população negra².

A luta por direitos sociais das populações negras e contra o racismo e violência começaram muito antes do movimento “Vidas negras importam”. De acordo com Gomes (2010), no início da década de oitenta, o Movimento Negro se organizava em prol de seus direitos à cidadania, requisitando do Estado um posicionamento sobre a questão de raça, pois acreditava-se que a questão racial deveria ser vista como “forma de opressão e exploração estruturante das relações sociais e econômicas brasileiras, acirrada pelo capitalismo e pela desigualdade social” (GOMES, 2010, p. 99).

Segundo Gomes (2010, p. 100), décadas mais tarde, mesmo com políticas de ações afirmativas, ao ser comparado com a população branca, a população negra ainda segue na desigualdade. “Apesar de reconhecer que existe, hoje, maior sensibilidade de alguns setores considerados progressistas em relação à existência do racismo e da desigualdade brasileira, o viés classista ainda se mantém”.

Carone e Bento (2014, p. 27), sobre a questão de classe social e raça, traz uma importante análise ao argumentar que: “[m]esmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura” e destaca o “déficit” em que a população negra pobre se encontra em relação à população branca, também pobre, em áreas como a saúde, a educação e o trabalho.

¹ Em 2013, quando George Zimmerman, homem acusado de matar o adolescente negro Trayvon Martin, foi considerado inocente na Justiça, Alicia Garza fez uma postagem indignada no Facebook. Seu texto, em que ela dizia estar passando por um luto, incluía a frase “black lives matter”. Foi uma farsa. Sua amiga Patrice Cullors leu a publicação e escreveu uma resposta, transformando a expressão de Garza em uma hashtag: “#blacklivesmatter”. Com a hashtag se popularizando no Facebook e no Twitter, Garza, Cullors e outra amiga ativista, Opal Tometi, criaram uma rede com o nome Black Lives Matter, que logo foi adotada em protestos pelos Estados Unidos. O movimento se espalhou no mundo inteiro. O Brasil tem seu próprio “Vidas Negras Importam”, por exemplo.

² Após o assassinato do Americano George Floyd pela polícia Estadunidense, em Mineápolis, em maio de 2020, manifestações globais foram feitas demonstrando insatisfação pelo tratamento da polícia com os cidadãos negros (COMO..., 2020).

Os aspectos abordados por Gomes (2010) e Carone e Bento (2014), sobre a organização e luta do Movimento Negro, reiteram o fato de que a luta por igualdade de direitos continua no Brasil. As diferenças entre as classes sociais se mostram arraigadas nos efeitos do racismo sobre a economia, aumentando ainda mais as diferenças sociais entre negros e brancos, contribuindo, assim, para a manutenção da hierarquia social.

Destaco também o que Cavalleiro (2001) aborda a respeito das desigualdades sociais envolvendo questões étnico-raciais no âmbito da educação, dialogando com diversos aspectos enfrentados na escola por professores. Para a autora antirracista:

Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira, busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar, repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas. (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Para Cavalleiro (2001, p. 158), a educação antirracista:

[...] não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os alunos/as, ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira, busca materiais que contribuam para a eliminação do 'eurocentrismo' dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de 'assuntos negros', pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial, elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados.

O professor pode desempenhar um papel muito importante nas práticas antirracistas. Além de pôr em prática as características de uma educação antirracista, como abordado por Cavalleiro (2001), o contexto social e o campo de atuação desse educador devem ser observados, a fim de promover maior equidade racial. Abaixo, trago algumas reflexões como docente relacionadas à branquitude e ao meu contexto de atuação. Considero importante destacar minhas primeiras observações sobre a questão racial, criando uma linha do tempo, para, em seguida, abordar teoricamente os aspectos que envolvem a branquitude. Essas observações foram feitas ao longo da minha trajetória escolar, seja como estudante ou como professora, e ambas, de alguma forma, convergiram para a construção da tipologia de exercícios e para a criação do material.

Estudei em escolas da periferia, próximas a minha casa, da infância à adolescência. Presenciei muitas situações que envolviam racismo em suas mais variadas formas. Então, comecei a perceber o que mais tarde eu entenderia como privilégio branco. Ocorriam situações de racismo e discriminação, por parte de estudantes e de professores, a alunos não-brancos, o que não ocorria comigo e com os outros grupos de alunos por sermos brancos.

Não me recordo de ter presenciado no meu período escolar, entre os anos 90 e 2000, algum trabalho significativo por parte das escolas contra o racismo, que abordasse as questões étnico-raciais, mesmo estando em escola periférica, na qual grande parte dos alunos eram negros. Atividades que envolvessem toda a comunidade escolar, campanhas, palestras ou até mesmo atividades em sala. Recordo-me de haver muito desconforto ao tratar da temática e tentativas de silenciamento.

No ano de 2005, comecei a graduação para o curso de Letras Anglo-Portuguesas. Durante a graduação, os estudos sobre as questões étnico-raciais me chamaram à atenção. Então, através de uma amiga, fui convidada para participar de um projeto intitulado “Materiais Didáticos Alternativos”, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), da UEL. Neste grupo, eu pesquisava e desenvolvia atividades didáticas sobre personalidades negras de países de língua inglesa.

Depois de uma pausa nesses estudos, no ano de 2019, retomei os estudos sobre as questões raciais integrando a Equipe Multidisciplinar (EM), na Escola Estadual Kazuco Ohara em Londrina, no Paraná. Dez anos após a minha participação no projeto do NEAB, ainda me deparei com a escassez ou quase nenhuma fonte de material didático em língua inglesa que contemplasse a prática do ensino desta língua abordando a temática proposta pela Lei no. 10.639/03.

Quando iniciei os estudos no MEPEM-UEL, percebi que não havia me posicionado criticamente como pesquisadora branca e que minha identidade de pesquisadora não se refletia nos meus trabalhos, o que me distanciava da minha pesquisa. Neste momento, os conceitos sobre a branquitude mal passavam pela minha cabeça. Ao mesmo tempo, não refletia sobre os aspectos que envolviam a vivência de uma pessoa racializada e não lancei um olhar cuidadoso para fatores históricos que contribuíram para a origem do racismo.

Schucman (2014) aponta que a branquitude se caracteriza nas sociedades estruturadas pelo racismo como um lugar de privilégio materiais e simbólicos

construído pela ideia de “superioridade racial branca”. Para mim, naquela época, era comum ainda pensar o racismo de forma reduzida e inerente ao ser racista. Identificar o racismo como um processo arraigado e estrutural de forma mais profunda só aconteceu com leituras de autores negros e brancos que trouxeram reflexões acerca da branquitude.

Tais observações tornaram-se mais latentes ao perceber que os brancos estão em posição de privilégio sistematizado. Schucman (2014) destaca que, tais privilégios da branquitude, em relação a recursos materiais e simbólicos, tiveram início no colonialismo e perduram até hoje. A autora ainda destaca que para compreendermos o conceito de branquitude é necessário entender as “estruturas de poder concretas em que as desigualdades sociais se ancoram”. (SCHUCMAN, 2014, p. 135).

Pensar sobre racismo em apenas determinados locais ou direcionados a grupos específicos era comum para mim. Assumir-me racista passou por um processo de negação em minha vida, pois ainda não observava a fundo os conceitos sobre branquitude. Schucman (2014, p. 136) traz também uma importante consideração sobre a hierarquização dos brancos através de “marcadores sociais, como classe social, gênero, origem, regionalidade e fenótipo.” Dessa forma, dividir o racismo apenas a determinados grupos ou espaços não atende a todas as questões que envolvem o poder da branquitude.

Carone e Bento (2014, p. 26) salienta o fato de que, em seus trabalhos dos últimos quatorze anos, envolvendo pesquisas e debates sobre a implementação dos programas institucionais de combate às desigualdades, há uma “omissão ou distorção em torno do lugar que o branco ocupou e ocupa, de fato, nas relações raciais brasileiras”. Ademais, afirma que não refletir o papel do branco nas desigualdades sociais torna o racismo “um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado.” (CARONE; BENTO, 2014, p. 26).

Como professora e pesquisadora branca, não posso deixar de lado as questões que envolvem a branquitude. É extremamente necessário o aprofundamento do diálogo e ações contra o racismo na escola. Parte desse processo ocorre pela utilização de materiais didáticos adequados. Portanto, é muito importante que estes abordem o tema da cultura e história africana e afro-brasileira como forma de valorização e respeito à diversidade. Pretendo, dentro da minha posição, sempre respeitar o lugar de fala das pessoas negras. Tal respeito passa por

saber ouvir, propiciar que o aluno negro possa partilhar seus saberes, valorizar através das aulas e do material a cultura de origem Africana, assim como suas nuances diaspóricas, ou seja, a cultura negra espalhada pelos diversos países falantes da língua inglesa.

Segundo o IBGE (Instituto brasileiro de geografia e estatísticas), PNAD Contínua 2021 (Pesquisa Nacional de Domicílios) pesquisa a cor da população brasileira em relação a autodeclaração. Os resultados das pesquisas apontaram que 43 % da população se autodeclarou branco, 47 % como pardo e 9,1 % como preto (IBGE, 2022).

Em relação a escolha do termo “negro” ao invés de “pretos”, dá-se pelo fato de que acredito na ressignificação do termo, considerado por alguns autores como pejorativo, ao passo que outros autores, como aqui mencionado Nilma Lino Gomes, intelectuais e Movimentos Negros apontam a reutilização do termo “negro” como resistência, um fator preponderante de não negação do racismo.

Atuo como professora de língua inglesa em uma escola da rede estadual, no município de Londrina, com cerca de 400 estudantes. Trata-se de uma escola periférica com um grande percentual de estudantes negros. Infelizmente, não existe uma sistematização de documentos para que eu possa comprovar a porcentagem de estudantes negros nessa escola. Parte desses alunos está em contexto de vulnerabilidade e risco, tanto pessoal quanto social. Alguns estudantes também fazem parte de uma Casa Lar, que é uma entidade filantrópica que acolhe crianças e adolescentes, que, por alguma razão, foram afastados de suas famílias ou entregues à adoção.

Neste contexto, pude perceber alguns avanços em relação às discussões sobre as questões étnico-raciais. Parte desse processo se dá através de projetos como os propostos pelas EM da rede estadual do Paraná³. Outra parte importante são os livros didáticos em língua inglesa adotados pela rede estadual de ensino no Paraná, que, de alguma forma, articulam com as propostas antirracistas.

³ Em todas as escolas paranaenses, há EM que surgiram após debates sobre políticas públicas e ações afirmativas em diálogo com o movimento social negro e o movimento sindical, juntamente com a Secretaria Estadual de Educação (SEED), em 2004. Depois, em 2009, o Departamento da Diversidade (DEDI) e Núcleo de Educação das Relações Étnico-raciais e Afrodescendência (NEREA) incluíram a temática de história e cultura afro-brasileira e africana com ações voltadas contra as práticas de discriminação étnico racial na escola (COQUEIRO *et al.*, 2013, p.17890).

A Teoria Racial Crítica (no inglês, *Critical Race Theory*), que abordarei mais profundamente na seção de revisão de literatura, aponta cinco eixos conceituais, os quais ajudam na formação de um pensamento crítico voltado à temática étnico-racial. Ferreira (2015) apresentou esses conceitos básicos da teoria, indicando a sua contribuição no desenvolvimento de seu trabalho de análise de narrativas autobiográficas de alunos do mestrado em Letras.

Partindo do pressuposto de que o ensino de língua inglesa pode contribuir para a promoção da igualdade racial, este trabalho surge a partir dos seguintes questionamentos: Que princípios devem orientar o ensino de língua inglesa em uma perspectiva antirracista? Que tipos de atividade podem ser desenvolvidas no ensino da língua inglesa a partir dos princípios da TRC (Teoria Racial Crítica) e do LRC (Letramento Racial Crítico)? A partir dessas indagações, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo apresentar uma tipologia de atividades para o ensino de inglês na perspectiva da educação antirracista.

Desse modo, propor uma tipologia de atividades, contribuição esperada deste trabalho, também tem por objetivo favorecer o pensamento crítico, promover o LRC. Isso possibilitará que mais professores possam repensar suas práticas antirracistas e desenvolvê-las de forma mais autônoma e adequada a realidade das suas escolas, adotando posicionamentos que combatam o racismo, a discriminação, a criação de estereótipos e os preconceitos de raça e gênero.

A organização deste TCC se faz da seguinte forma: nesta seção, com o intuito de situar o leitor sobre meu lugar de fala, tracei minha trajetória docente, elaborei brevemente reflexões sobre a branquitude e discorri sobre meus contextos de atuação. A partir disso, na seção seguinte, na revisão de literatura, abordo o surgimento da TRC e seus cinco princípios fundamentais. Na sequência, descrevo a metodologia do estudo, apresento a tipologia de atividades para a educação antirracista no ensino de inglês como resultado deste trabalho, ilustrando-a por meio de atividades que compõem o *e-book English for All*, produto educacional elaborado no MEPLEM da UEL. Finalizo com considerações acerca das implicações deste estudo, suas limitações e indicações de trabalhos futuros.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, abordarei mais profundamente sobre o surgimento da TRC e seus princípios, também como eles se relacionam com a Lei no. 10.639/03.

2.1 O SURGIMENTO DA TEORIA RACIAL CRÍTICA E SEUS CINCO PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

De acordo com Ferreira (2015), a TRC surgiu nos Estados Unidos na década de 70, na área dos estudos Críticos Legais (em inglês, *Critical Legal Studies* - CLS) e seus idealizadores foram Derrick Bell, de origem Afro-americana e Alan Freeman, um pesquisador branco. Ambos estavam inconformados com a morosidade da reforma racial americana. Desse modo, o surgimento da teoria é visto como uma resposta sobre a falha dos estudos críticos legais (FERREIRA, 2015).

Após o surgimento da TRC na área dos estudos legais, Ferreira (2015) destaca que os pioneiros a abordar os princípios da teoria na área da educação foram Ladson-Billings e Tate (1995). No Brasil, deram início aos estudos da TRC Gandin, Diniz Pereira e Hipólito ao publicarem um artigo, no ano de 2002, com uma entrevista, feita justamente com Gloria Ladson-Billings, a precursora da teoria (FERREIRA, 2015).

Pensar o letramento crítico, a partir da TRC, leva-me a refletir sobre vários âmbitos do contexto escolar. Para Ladson-Billings uma das idealizadoras do conceito da TRC, é importante observar três vértices de implementação dessa teoria. A primeira seria o “desempenho escolar”. Melhorar a qualidade da educação ofertada às crianças negras e grupos latinos e periféricos nos Estados Unidos da América (EUA) era imprescindível para que eles obtivessem uma maior análise sobre seus contextos, a partir do aprendizado de habilidades básicas como ler, escrever e realizar operações matemáticas (LADSON-BILLINGS, 2002, p. 281).

A segunda seria a “competência cultural” para “entenderem quem elas são, de onde vêm e porque estas coisas são importantes para ajudá-las na aprendizagem.” Por fim, a terceira seria desenvolver a “consciência sociopolítica” que “serve para fazer com que eles entendam que os estudos que fazem na escola e o que aprendem têm um objetivo social maior” (LADSON-BILLINGS, 2002, p. 282-283).

No entendimento de Ladson-Billings (2002), um ponto importante para salientar sobre a teoria é que "há uma outra história a ser contada", para que, assim, através da "recuperação da história e da memória em oposição ao tradicional," ocorra uma aprendizagem que não seja baseada no controle dos corpos dessas crianças, mas na construção de sua intelectualidade. "Na educação, essa teoria tem servido como uma ferramenta analítica para o exame das desigualdades." (LADSON-BILLINGS, 2002, p. 281)

Neste TCC, abordo os conceitos da TRC pensados para a área da educação, porém levando em consideração seu caráter plural. Segundo Tate (1997 apud FERREIRA 2015, p. 27), "a teoria racial crítica atravessa barreiras epistemológicas", pois não usa apenas uma área do conhecimento, mas várias, como, por exemplo, leis da sociedade, feminismo, marxismo, pós-estruturalismo e estudos críticos legais. Dessa forma, obtém-se uma análise mais completa de raça" (TATE 1997 apud FERREIRA, 2015, p. 28).

Tate (1997) menciona também os percalços que a cegueira em relação à cor (*color blindness*) traz como um falso princípio de "neutralidade", ou seja, a ideia de que todos somos iguais. Tal percalço, infelizmente, só perpetua os interesses das "entidades mais poderosas". "A TRC retrata as afirmações legais dominantes de neutralidade, de objetividade, de '*color blind*', de não ver cor como meritocracia, como camuflagem para o próprio interesse de entidades poderosas da sociedade" (apud FERREIRA, 2015, p. 28).

No Brasil, Ferreira (2015), após pesquisa em base de dados no ano de 2014, constata que não encontrou nenhuma dissertação ou tese sobre a TRC, mas apenas breves comentários em artigos. Em pesquisas feitas por mim, previamente nos portais CAPES e Google Acadêmico, concluí que, atualmente, sobre a TRC no Brasil, na área de educação, os artigos utilizam o referencial teórico desenvolvido pela Professora Doutora Aparecida de Jesus Ferreira. Dessa forma, os referenciais sobre a TRC e LRC terão seus trabalhos como referência.

Ferreira (2015) faz uma compilação entre os cinco princípios fundamentais da TRC, os quais foram abordados posteriormente por Milner e Howard (2013) em comparação a uma análise anterior de Solorzano (1997). Discorro sobre cada um destes princípios, pois são muito relevantes para esta pesquisa.

O primeiro princípio destacado por Ferreira (2015) é a "Intercentricidade de raça e racismo". Ao transpor os princípios da TRC para a educação, é necessário

compreender os grupos diretamente afetados pela opressão racial, trazer à tona de forma crítica quem são os diretamente excluídos e prejudicados pelo racismo para, assim, ocorrer uma “intersecção com as formas de subordinação com base em gênero, classe, sexualidade, linguagem, cultura e status de imigrante” (FERREIRA, 2015, p. 28).

Ao evidenciar quais são esses grupos afetados pelas questões raciais, estou propondo um “desafio à ideologia dominante”, sendo este o segundo princípio destacado. Ele, leva em conta que os grupos com poder e privilégios, acreditam que há oportunidades iguais para todos, ou seja, a meritocracia, escondendo os problemas relacionados a esses grupos dominantes em detrimento de outros grupos (FERREIRA, 2015, p. 28).

O “compromisso com a justiça social”, terceiro princípio, vem ao encontro dos interesses dos grupos. Para praticar a justiça social, deve-se levar em conta os interesses principalmente dos menos privilegiados. Ferreira (2015, p. 29) cita como exemplo os ganhos dos direitos civis dos negros nos EUA, tais como o acesso à universidade e outras ações “para eliminação do racismo, sexismo e pobreza”.

A prática da justiça social deve ser responsabilidade de todos. Dessa forma, a “perspectiva interdisciplinar”, quarto princípio, possibilita que diferentes áreas do conhecimento busquem um bem comum, propiciem um pensamento mais crítico-reflexivo sobre as questões que afetam os grupos menos privilegiados. As áreas de “sociologia, estudos étnicos, história e psicologia” possibilitam “uma análise mais abrangente e multifacetada de como raça, racismo e desigualdade social se manifestam” (FERREIRA, 2015, p. 29).

O último princípio destacado pela autora é a “centralidade do conhecimento experiencial”, que valoriza a experiência das pessoas negras e as reconhece como indispensáveis “para a compreensão, a análise e o ensino sobre subordinação racial em todas as suas facetas. “A TRC solicita, explicitamente, análise e escuta das experiências vividas das pessoas de cor através de métodos contranarrativos, os “*counterstorytelling* tais como história de família, parábolas, depoimentos e crônicas [...]” (FERREIRA, 2015, p. 29)

O conhecimento experiencial deve sempre ser ouvido e respeitado. Ferreira (2015), em seu trabalho com as narrativas autobiográficas, ilustra, com exemplos de várias alunas e alunos, o quanto o racismo está arraigado na nossa sociedade. A autora analisa tais autobiografias partindo do quinto princípio da TRC.

2.2 OS PRINCÍPIOS DA TEORIA RACIAL CRÍTICA RELACIONADOS COM A LEI NO. 10.639/03

A inserção de conteúdos com a temática racial no currículo, de modo mais abrangente, teve início com a Lei no. 9.394/1996, que foi alterada pela Lei no. 10.639/03 e prevê: “§ 1º [...] o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil”. (BRASIL, 2003, art.26).

Para que esses conteúdos possam ser trabalhados em sala de aula, os professores precisam de ferramentas para a criação de atividades que envolvam diretamente as práticas antirracistas, sendo o material didático um suporte para abordagem de temáticas raciais. Gomes (2010) menciona a importância de educadores atuarem no combate à discriminação racial, promovendo a igualdade em sala de aula. Assim, faz-se necessário os estudos sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira para a construção de práticas pedagógicas que ajudem a “superar o mito da democracia racial no Brasil” (GOMES, 2010, p. 52).

Uma das formas de desconstrução do pensamento de que existe uma democracia racial no Brasil é através do ensino crítico. Ferreira (2006) versa sobre a teoria da consciência crítica de Paulo Freire, particularmente no trabalho Pedagogia do Oprimido. A Teoria Crítica, de acordo com Freire, empodera professores para serem educadores “revolucionários”. O pensar e o agir de forma revolucionária devem possibilitar “o repensar do mundo dos alunos e professores, de uma forma que faça o arranjo para uma ação transformadora e que possibilite a mudança social” (FERREIRA, 2006, p. 35).

Gomes (2010, p. 109) afirma que a “lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais podem ser consideradas como parte do projeto educativo emancipatório do Movimento Negro em prol de uma educação antirracista e que reconheça e respeite a diversidade”. Nesse sentido, a TRC e a Lei 10.639/03 têm em comum o ideal de promoção de direitos e igualdade racial. Tate (1997 apud FERREIRA, 2015, p. 28) afirma que “as leis para reparar a desigualdade racial são sempre minadas, antes mesmo, que elas sejam implementadas”. Dessa forma, noto a semelhança entre a TRC e a referida Lei, pois ambas surgiram da necessidade de reparar a desigualdade social, outrora garantida legalmente.

Ferreira (2015) destaca que, embora tenha ocorrido um número crescente de trabalhos que abordem a TRC na educação, nos Estados Unidos, América Latina e Europa, desde que a teoria foi trazida também para a área da educação, ainda não há “uma única metodologia, com o que todos os estudiosos da Teoria Racial Crítica concordem”. (FERREIRA, 2015, p. 33). Ao atrelar os conceitos da TRC com o que já está sendo feito nas escolas, em relação à implantação da Lei no. 10.639/03, observei que, assim como mencionado por Ferreira (2015), não existe uma metodologia única aplicável para os conceitos de educação antirracista, principalmente em relação à língua inglesa. Tal constatação considera artigos que trazem exemplos concretos e articulam os conteúdos e as discussões sobre a temática, não existe uma metodologia única de trabalho.

Nas pesquisas realizadas em trabalhos anteriores, em sites como o de periódicos da CAPES e o Google acadêmico sobre a TRC e o LRC na educação, destaco Woginski (2018), Netto (2018) e Santos, Santos e El kadri (2021). Ademais, há alguns autores em língua inglesa, são eles: Mosley (2010) e Delgado e Stefancic (2000). A pesquisa apresentada neste TCC é uma interpretação dos conceitos da TRC no ensino de língua inglesa, somando-se aos trabalhos já desenvolvidos nesta orientação teórica.

Abaixo apresento o quadro sobre os princípios para elaboração de materiais para a educação antirracista, proposto por Santos, Santos e El Kadri (2021 p.164) que compilam os trabalhos de Cavalleiro (2001), Ferreira (2012, 2014), Pereira; Lacerda (2019).

Quadro 1 - Princípios para a elaboração de materiais para a Educação Antirracista

Princípios para a elaboração de materiais para a Educação Antirracista	Autor
Reconhecer a existência do problema racial na sociedade brasileira.	CAVALLEIRO (2001)
Promover espaços de reflexão sobre o racismo e seus derivados no contexto escolar.	CAVALLEIRO (2001)
Promover oportunidades para o repúdio e a intervenção a qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar.	CAVALLEIRO (2001)

Continua...

Princípios para a elaboração de materiais para a Educação Antirracista	Autor
Desenvolver estratégias de cuidado para que as relações entre negros e brancos (crianças e adultos) sejam respeitadas.	CAVALLEIRO (2001)
Promover igualdade por meio do reconhecimento e valorização da diversidade do contexto escolar, encorajando a participação de todos os atores sociais.	CAVALLEIRO (2001)
Privilegiar o ensino crítico da história dos diferentes grupos sociais, étnicos e raciais que constituem a história brasileira.	CAVALLEIRO (2001)
Privilegiar materiais que promovam a ruptura com o eurocentrismo dos currículos escolares, materiais didáticos e práticas de ensino.	FERREIRA (2012)
Privilegiar atividades que promovam a diversidade racial e o estudo da história e cultura do povo negro.	FERREIRA (2012)
Promover práticas de reconhecimento positivo da diversidade racial.	FERREIRA (2012)
Elaborar ações que possibilitem o fortalecimento do auto-conceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados.	FERREIRA (2012)
Usar estratégias curriculares e pedagógicas voltadas para a justiça social, visando a eliminar formas de discriminação e opressão tanto individual quanto institucional.	FERREIRA (2012)
Ter o currículo e os discursos que permeiam o contexto escolar como alvo da análise e avaliação constantes.	FERREIRA (2012)
Desenvolver instrumentalização para lidar com as situações de racismo em sua prática docente (consciência racial crítica).	FERREIRA (2014)
Promover práticas que rompam com discursos que fortaleçam a hegemonia da branquitude.	FERREIRA (2014)
Incluir atividades e práticas para desconstruir ideologias que reproduzam estereótipos e preconceitos.	FERREIRA (2014)
Promover práticas que contribuam para o surgimento de identidades mais comprometidas com a superação histórica das desvantagens.	FERREIRA (2014)

Continua...

Princípios para a elaboração de materiais para a Educação Antirracista	Autor
Promover atividades que permitam entender o funcionamento das relações de poder e dos discursos.	PEREIRA; LACERDA (2019)
Promover discussões que visam buscar meios para que uma sociedade mais justa e igualitária seja possível.	PEREIRA; LACERDA (2019)
Usar princípios do letramento racial crítico: 1) Conscientização sobre as questões raciais; 2) Conhecimento do papel histórico-cultural e social do negro para além da escravidão; 3) Reconhecimento da necessidade de representatividade do povo negro em espaços sociais que ainda lhe são negados; 4) Problematização do papel do negro na sociedade contemporânea e as questões de reparação histórica; 5) Racismo estrutural, institucional e discursos de silenciamento; 6) Planejamento de ações que visem a desconstruir ideologias estruturadas pela perspectiva da branquitude e a reconstrução de contextos sociais também favoráveis ao povo negro.	FERREIRA (2014).
Promover ações de conscientização que promovam o engajamento de todos os atores sociais do ambiente escolar.	FERREIRA (2014)

Fonte: Santos, Santos e El Kadri (2021).

Os princípios da TRC e os princípios para a educação antirracista estão atrelados, embasam teoricamente de forma crítica, práticas educacionais antirracistas com potencial para a criação de metodologias de ensino de forma plural e eficaz ao combate ao racismo nas esferas educacionais como um todo. No caso do trabalho de Santos e El Kadri os objetivos eram guiar a elaboração de materiais didáticos. Embora meu trabalho também esteja fundamentado nesse referencial, meu objetivo é propor uma tipologia de atividades para ensino de língua inglesa.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de pesquisa qualitativa, em que há a intenção de propor uma transposição didática. O conceito de transposição didática foi apresentado pelo francês Michel Verret em 1975, amplamente divulgado pelo matemático francês Yves Chevallard, a partir de 1982. Assim, apresento tal conceito pelos estudos realizados a partir da obra de Chevallard (1997).

Chevallard (1997, p.16), em seu livro intitulado “A transposição didática, do saber sábio ao saber ensinado”, define que: “1.1 todo projeto social de ensino e aprendizagem se constituem dialeticamente com a identificação e a designação de conteúdos de saberes como conteúdos a ensinar”⁴. Sobre o conceito da relação didática na teoria da transposição didática, Chevallard (1989) aborda a relação entre professor e aluno. No seu entendimento, “a relação didática une três e não dois objetos a saber: o professor, o ensino e, por último, mas não menos importante, o conhecimento; ou, para ser ainda mais preciso o conhecimento ensinado.” (CHEVALLARD, 1989, p. 4)

Chevallard (1989, p. 7) discorre sobre a intenção didática, que não deve ser reduzida somente à intenção de alguém ensinar, mas, sim, considerar a sociedade que se “expressa através de sua cultura”. Ao utilizar a transposição didática como metodologia, entendi que além de transmitir um conhecimento, preciso avaliar as relações sociais que o envolvem.

Azevedo (2010), em seu artigo intitulado “Transposições didáticas de gêneros discursivos”, aborda a relação da teoria da transposição didáticas ao ensino escolar de língua portuguesa. A autora menciona que “ao ser ensinado, um conceito, embora se mantenha semelhante à sua concepção no contexto investigativo, adquire outros significados próprios do ambiente escolar em que será estudado.” (AZEVEDO, 2010, p. 205)

No intuito de oferecer um suporte tanto para a análise quanto para a criação de atividades para o ensino da língua inglesa sob o viés antirracista, de acordo com os princípios da TRC, para a criação da Tipologia, foram consideradas etapas de desenvolvimento do trabalho a minha trajetória docente, os estudos e as

⁴ No original: “Todo proyecto social de enseñanza y aprendizaje se constituye dialécticamente con la identificación y designación de contenidos de saberes como contenidos a enseñar.”

observações feitas no decorrer da minha prática como educadora. Apresentando-a em nove etapas:

- Observação e análise do contexto escolar de aplicação do produto;
- Participação da Equipe Multidisciplinar, desenvolvimento de projetos e atividades antirracistas;
- Revisão de literatura sobre Teoria Racial Crítica, Letramento Crítico e Lei no. 10.639/03;
- Compilação dos princípios antirracistas;
- Desenvolvimento de atividades de acordo com os eixos principais da Teoria Racial Crítica e princípios de educação antirracista;
- Definição da tipologia de atividades;
- Colaboração de análise de atividades dos estagiários da Residência Pedagógica;
- Organização dos conteúdos;
- Diagramação do produto.

A partir da compilação dos princípios antirracistas, para a aplicação destes conceitos nas escolhas e criação das atividades que comporiam o material, defini a tipologia utilizada, a qual explanarei na seção dos resultados.

A tipologia foi definida juntamente com a minha orientadora após percebermos a necessidade de atrelar de forma mais objetiva os princípios da TRC na elaboração do material didático. Então, para fornecer uma base que me permitisse pensar sobre questões que envolvem a TRC, que visa o LRC para a prática pedagógica antirracista, minha orientadora sugeriu que criássemos uma tipologia de atividades, que poderia contribuir para o desenvolvimento de outros materiais pedagógicos.

Os itens que compõem a tipologia foram propostos com base na análise do referencial teórico, nos exercícios previamente desenvolvidos para o material e, por fim, aperfeiçoados durante um *workshop* com alunos do quarto ano do curso de Letras Inglês, durante o período da Residência Pedagógica. Os resultados deste *workshop* promoveram reflexões acerca do material didático elaborado, ocasionando pequenas mudanças, a escolha de novas atividades e uma reorganização dos conteúdos. A última etapa foi a diagramação do produto educacional, que está em formato de *e-book* intitulado “*English for All: e-book de ensino de língua inglesa para*

práticas antirracistas”. O resultado do *e-book* será apresentado em forma de figuras, atrelado ao uso da tipologia na seção de resultados.

O *e-book* tem suas atividades apresentadas em língua inglesa em quase sua totalidade, porém, na seção “*Take action*”, a abordagem e a explicação do projeto são escritas português. Nesta seção, o aluno reflete sobre o que ele observou e vivenciou nas atividades anteriores e transforma esses conceitos em atividades práticas antirracistas como foco na justiça social. Contudo, o registro dessas atividades é feito em língua inglesa, exceto a narrativa autobiográfica (i.e., *storytelling*), na Unidade 2.

Considerando a heterogeneidade da sala de aula, creio que a escolha da língua portuguesa, em alguns momentos, aproxima mais aqueles alunos com maiores dificuldades de compreensão da língua inglesa. Essa escolha também pode ser justificada pelas atividades em questão serem direcionadas a campanhas escolares para práticas sociais, não causando prejuízo no ensino de língua inglesa, reiterando o fato que os registros dessas atividades, quase em sua totalidade, serão feitos em inglês.

4 RESULTADOS

Os processos que envolveram a construção deste trabalho emergiram a partir da minha prática de observação docente, somados aos estudos aqui apresentados. Foi um processo que surgiu do entendimento da necessidade de criação de material didático em língua inglesa que contemplasse os objetivos da Lei no. 10.639/03, juntamente com os fundamentos da TRC e fosse capaz de contribuir para o ensino de história e culturas afro-brasileiras e africanas.

Quando me deparei com a obrigatoriedade da referida Lei na escola pública, notei a insuficiência de materiais em língua inglesa que abordassem o tema racial e atendessem aos alunos do ensino fundamental. Desse modo, iniciei o processo de criação ou reciclagem de materiais existentes, no intuito de criar uma tipologia de exercícios que atendessem a demanda da Lei nas aulas de língua inglesa.

Na EM das escolas em que trabalhei, observei práticas de outros professores e, neste processo, as adaptei para o ensino de língua inglesa, ou sejam, atividades anteriormente desenvolvidas em outras disciplinas. Considero essa experiência bastante enriquecedora apesar de difícil, pois, no início da minha prática pedagógica para ensino da temática racial, eu ainda não tinha tido, até então, a oportunidade de estudar os conceitos da TRC, ou seja, não exercia minha prática pedagógica amplamente voltada para um LRC.

Durante a participação de projetos como o PIBID⁵ e a Residência Pedagógica, houve uma melhor compreensão de minha prática e para a forma como eu criava essas atividades. Foi durante as reuniões e grupos de estudos destes projetos que surgiu um novo olhar, uma necessidade de aprimoramento e aperfeiçoamento no ensino de língua inglesa sob o olhar racial. Ao ingressar no MEPEM, mestrado profissional, após a definição do tema e início dos estudos, pude, então, utilizar minhas inquietações sobre a temática racial mais confiante e com ampliação de minhas ideias, para um melhor desenvolvimento de práticas pedagógicas sobre a temática.

⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. (BRASIL, [2022]).

A tipologia de atividades para a educação antirracista no ensino de língua inglesa surgiu da necessidade de uma análise mais profunda sobre a criação de materiais didáticos atrelados aos princípios da TRC, uma vez que eu, como docente, também estou em um processo contínuo de letramento racial. Dessa forma, as reflexões que originaram a tipologia estão interligadas entre observação da prática docente, estudos bibliográficos e composição de material.

A tipologia está dividida em cinco tipos, que são, por sua vez, subdivididas em seções para facilitar o desenvolvimento das propostas e preparar os professores para reflexões acerca da educação antirracista. Não existe a pretensão da tipologia ser um eixo central de trabalho, mas, sim, um apoio a educadores que precisam se aprofundar sobre as questões étnico-raciais. Dessa forma, a teoria pode elucidar alguns caminhos.

O primeiro tipo desenvolvido se organiza a partir dos seguintes eixos norteadores: primeiramente, “Por que estudar a questão racial?” e, depois, o segundo questionamento é sobre o referencial teórico utilizado na educação tradicional. A partir desses eixos, desenvolver habilidades e conhecimentos sobre a questão racial no Brasil e no mundo, considerando elementos como reconstrução histórica, cultural, branquitude e eurocentrismo. O segundo tipo da tipologia discute o conceito de alteridade. Quem é o outro? Existe realmente um outro? Assim, a compreensão do outro, advém da análise de elementos constitutivos de sua identidade, através do uso de imagens da mídia e da relação social entre as pessoas de etnias diferentes, a partir de suas experiências racializadas.

Munanga (2009) argumenta que, no processo de construção de identidade negra no Brasil, é preciso levar em conta fatores objetivos e subjetivos na constituição dessas identidades. Além de fatores como autodefinição pelo indivíduo ou auto atribuição pelo próprio grupo, o autor destaca que é preciso considerar três fatores importantes nesse processo identitário, os quais são: o histórico, o linguístico e o psicológico. Nesse sentido, é essencial considerar cada indivíduo negro dentro de seu contexto social, respeitando suas características únicas mesmo fazendo parte de um grupo.

As discussões concernentes ao terceiro tipo serão realizadas e aprofundadas a partir dos conhecimentos-chave, sendo eles: branquitude, privilégios e LRC, reiterando-os e aprofundando o debate sobre esses conceitos. O foco do quarto tipo, por sua vez, é o desenvolvimento e a aprendizagem da língua estrangeira. Nela,

sempre observando-se como o ensino de língua estrangeira pode atuar em uma educação antirracista e que promova o LRC.

A proposta do quinto tipo é demonstrar que grupos e projetos atuantes em prol de uma consciência das questões raciais, e todos os participantes do processo educacional, alunos negros e alunos não-negros, fazem parte desse processo de engajamento social. Considero importante salientar que uma educação antirracista nasce da constatação que vivemos em um país que discrimina as pessoas por sua cor, raça, etnia e outros elementos interseccionais. Tal educação tem o intuito de proporcionar aos alunos uma visão emancipadora e mais humanizadas das relações sociais.

A partir dessa breve explicação, volto-me para a tipologia mais detalhadamente. Cada tipo com os objetivos das atividades, no quadro representado por colchetes há o número da unidade e da atividade apresentados no E-book. Reitero que as atividades do mesmo foram baseadas nos estudos que compõem a tipologia. Posteriormente, teço comentários a respeito dos itens da tipologia com imagens do *e-book*, que foi desenvolvido como o produto educacional.

5 TIPOLOGIA DE ATIVIDADES PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE INGLÊS

No quadro 2, apresento a tipologia e os objetivos propostos de cada grupo, seguidos pelo número que correspondem cada atividade e sua localização no E-book.

Quadro 2– Tipos e objetivos das atividades e sua localização no material

TIPO 1 ATIVIDADES DE ESTUDO SOBRE QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS	1.1 Compreender informações em textos sobre pessoas negras de destaque [2.1] 1.2 Refletir e questionar o eurocentrismo [3.6] 1.3 Refletir sobre o privilégio branco [1.3] 1.4 Pesquisar diferentes fontes sobre questões étnico raciais [3.3] 1.5 Produzir textos de diferentes gêneros sobre problemáticas racistas [1.13]
TIPO 2 ATIVIDADES PARA REFLEXÃO SOBRE REPRESENTATIVIDADE	2.1 Analisar imagens com pessoas negras em diferentes meios [1.10] 2.1.1 Analisar o modo como a pessoa negra está representada [1.5,1.6] 2.1.2 Analisar o ponto de vista subjacente à imagem [1.3] 2.1.3 Analisar a repercussão de publicação de imagens [1.3] 2.1.4 Analisar o modo como a pessoa negra está representada em relação á branca [1.3] 2.2 Questionar os conceitos do Letramento Racial Crítico [2.14,2.15] 2.2.1 Eliciar experiências sobre questões raciais [2.15] 2.2.2 Analisar escolhas lexicais [2.6,2.7]
TIPO 3 ATIVIDADES DE REFLEXÃO SOBRE O CONTEXTO SOCIAL	3.1 Analisar questões raciais no próprio contexto [3.7,3.8] 3.2 Eliciar opiniões sobre a prática social relacionada ao conceito de letramento racial crítico [3.5] 3.3 Identificar a intercentricidade entre as formas de subordinação incluindo raça, gênero e classe social. [1.8] 3.4 Refletir sobre produtos culturais e práticas interdisciplinares [1.4,1.5] 3.5 Comparar questões raciais entre o contexto nacional e outros contextos [2.8]
TIPO 4 ATIVIDADES PARA DESENVOLVER A LINGUAGEM PARA A PRÁTICA SOCIAL	4.1 Desenvolver vocabulário no campo lexical do racismo e antirracismo [2.11,2.12] 4.2 Desenvolver o conhecimento de gêneros escritos [1.13, 2.15 e 3.11] 4.3 Analisar o contexto de produção de textos (oral, escrito e multimodal) [3.6] 4.4 Desenvolver o conhecimento de gêneros orais e Compreensão oral [2.4,2.5]
TIPO 5 ATIVIDADES PARA ENGAJAMENTO SOCIAL	5.1 Identificar grupos que atuam em prol de uma causa antirracista [1.13] 5.2 Inserir-se em grupos que atuam em prol de uma causa antirracista [1.13] 5.3 Divulgar informações em prol de uma causa antirracista. [1.12] 5.4 Criar textos verbais e não verbais promovendo a visibilidade das minorias (dos grupos minorizados) [3.10, 3.11]

Fonte: A própria autora.

5.1 TIPO 1: ATIVIDADES DE ESTUDO RELACIONADOS ÀS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Como discuti na seção de revisão de literatura, as questões étnico-raciais envolvem raça, classe, gênero, brancos e negros. Ademais, destaquei que as

discussões sobre o racismo e as desigualdades sociais vem ganhando força. Gomes (2012) ressalta que, com o avanço da globalização, as questões étnico raciais ficaram menos distantes, assim, cruzando fronteiras. Silva (2007, p. 490) afirma que:

[...] a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico raciais e sociais.

Nesta Unidade, abordo a questão dos estereótipos, como esse termo é conhecido. Posteriormente, voltei-me ao quanto pessoas negras na mídia, em geral, tem carregado estereótipos durante décadas, em relação à imagem, aos papéis desenvolvidos, à falta de protagonismos com imagens e à representação positiva.

5.1.1 Compreender Informações em Textos Sobre Pessoas Negras de Destaque

Durante muito tempo, houve uma escassez de imagens de pessoas negras nos livros didáticos e na mídia. Isso fez com que os alunos negros e as alunas negras não tivessem um sentimento de pertencimento ao espaço escolar. A falta de representatividade no material didático colaborou para que muitos tivessem uma imagem negativa a respeito de si mesmos. Tal falta de abordagem histórico-cultural e representatividade permite, também, que alunos brancos não reconheçam as contribuições da população negra na construção do Brasil. Para propiciar a divulgação de fatos e imagens positivas, heranças da cultura negra, os professores poderão abordar figuras importantes e de reconhecimento, tanto nacional quanto internacional, com o intuito de fazer com os alunos obtenham referências positivas, para, assim, constituírem uma identidade desvinculada de imagens pejorativas e estereotipadas.

A Figura 1 refere-se à Unidade 2, em que são feitos questionamentos sobre os perigos de visões estereotipadas, com destaque para a biografia da autora nigeriana Chimamanda Ngozie Adiche. Em seguida, é apresentado o seu TEDex de 2009, intitulado “*The Danger of a single story*” (em português, “Os perigos de uma história única”). A representação de Chimamanda e sua importância no cenário mundial de autores de *best sellers* como mulher negra apontam a contribuição dessa

representação positiva que todo material didático deveria conter para o combate a imagens de pessoas negras em situações pejorativas.

Figura 1 – Os perigos de uma história única

UNIT 2 THE DANGER OF A SINGLE STORY

Before you start:

The text below is a **biography** that tells a real story about a person's life. Its structure begins with the presentation of someone, followed by chronological accounts of her life, and finally a conclusion that brings her legacy or current living condition. It must be written with accuracy and honesty; it must not have controversial information.

2.1 You are going to read a short Biography about the writer Chimamanda Ngozi Adichie. What kind of information do you expect to find in the text?

The name of her books Her educational background

Her place of birth Her personal life details



Chimamanda Ngozi Adichie was born in 1977 in Enugu, Nigeria. She studied medicine and pharmacy at the University of Nigeria then moved to the US to study communications and political science at Eastern Connecticut State University. She had several short stories published in literary journals, winning various competition prizes. Her first novel, *Purple Hibiscus*, was published in 2003. It won the 2005 Commonwealth Writers Prize (Overall Winner, Best Book), and was shortlisted for the 2004 Orange Prize for Fiction.

Her second novel is *Half of a Yellow Sun* (2006). It won the 2007 Orange Broadband Prize for Fiction. Chimamanda's third novel *Americanah*, was written during a fellowship awarded by the Radcliffe Institute for Advanced Study in 2011-2013 and was published to great acclaim in 2013. In 2019 it was announced that *Americanah* will be adapted into a ten-part TV series for HBO Max. *We Should All Be Feminists*, a long essay adapted from a 2012 TEDx Talk, was published in 2014, which won the 2017 Grand Prix de l'Héroïne Madame Figaro (nonfiction). Chimamanda divides her time between Nigeria, where she regularly teaches writing workshops, and the United States. (Adapted from: <https://literature.britishcouncil.org/writer/chimamanda-ngozi-adichie> Acesso em: 20 de jan. 2021)

Fonte: A própria autora.

5.1.2 Refletir e Questionar o Eurocentrismo

Reconhecer que a base da nossa educação é o eurocentrismo consiste em afirmar que toda a nossa educação parte da história contada a partir da Europa, ou seja, de um conhecimento pautado apenas na história de um continente. Essa forma de contar a história invisibiliza outras histórias, narrativas advindas de outros continentes, causando o apagamento de povos e de outras narrativas. Pereira e Silva (2021, p. 3) apontam:

[...] raça, concebida como construção política e social usada para justificar e tentar naturalizar a inferioridade dos traços fenotípicos e culturais dos povos colonizados, não-brancos, tem sido historicamente um elemento estruturante para políticas educacionais e diretrizes curriculares em países com passado colonial.

Os autores acreditam que a padronização do branco europeu ocidental acarretou o esquecimento e silenciamento de inúmeras culturas e etnias. A escritora feminista Ngozi Chimamanda Adichie, em seu discurso “O perigo da história única” (CHIMAMANDA..., 2009), adverte sobre o perigo de contar apenas uma narrativa histórica. Ela também apontou como foi construída em sua mente na infância através de leituras, o imaginário inglês, pois as representações nos livros de literatura eram de homens brancos ingleses e todo o cenário que os cercava.

Assim, torna-se fundamental os professores levarem os estudantes a refletirem sobre como o conhecimento é formado e como ele pode ser uma arma de exclusão e de apagamento de povos como os indígenas, os africanos e tantos outros. Abaixo, segue Figura 3 da unidade 3, em que um meme que utiliza a imagem da Rainha Elizabeth versa sobre o inglês europeu como língua inglesa padrão, desconsiderando as influências de outros países falantes do inglês, principalmente a influência das línguas africanas, seu surgimento e sua herança cultural. Tal atividade tem como intuito a valorização desse inglês considerado *Black English*, não padrão que é falado por milhares de americanos.

Figura 2 – Discriminação linguística e o eurocentrismo

3.6 Look at the images below and discuss them with your classmates. Do you think that there is any kind of language discrimination? Why?



Disponível em: <http://www.staph.weebly.com/mathews-project-dialects-affecting-your-future/wordpress-picture>
Acesso em: 08 abr. 2022.



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/6614730675494852/>
Acesso em: 08 abr. 2022.



<https://memes.it/its-english-not-american-english-there-is-no-such-thing-983689> acesso em 08 abr.2022

Fonte: A própria autora.

5.1.3 Refletir Sobre o Privilégio Branco

Para reflexão sobre o privilégio branco, pode-se inicialmente questionar: Por que eles possuem os melhores empregos? Os melhores salários? Por que eles ocupam um lugar privilegiado em nossa sociedade? A compreensão de que, no âmbito da escola, um aluno branco sente que faz parte desse lugar, por conta de toda uma construção social, faz com que ele cresça e aprenda com mais segurança, autonomia, aceitação e com um sentimento de pertencimento.


Schucman (2014, p. 136) destaca um aspecto importante que deve ser frequentemente lembrado no âmbito escolar sobre o constructo da branquitude na sociedade: “para entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram”, compreendendo assim “as formas de poder da branquitude” e “onde ela realmente produz efeitos e materialidades.”. A grande chave do privilégio branco é os alunos perceberem que eles estão representados em todas as esferas da sociedade. É fundamental para os alunos e para os professores de ambas as etnias perceberem que esta forma de construção social privilegia certos grupos em detrimento de outros.

Observe a Figura 3, da unidade 1, que ilustra a questão sobre o privilégio branco, pois, se tirada de contexto, a imagem pode parecer que existe um homem branco indefeso, parecendo ser ameaçado por homens negros. Contudo, a história por trás desta foto, que foi retirada de um filme Hollywoodiano chamado “*Get hard*” (em português, “O durão”), no ano de 2015, é outra. No caso desta imagem, o homem branco seria o criminoso, ao passo que os negros não tinham cometido crime algum.

O enredo traz a história de um homem branco rico que foi sentenciado a ir para uma penitenciária norte-americana. No entanto, com muito medo do que o esperava, ele contrata seus funcionários, todos negros, para que simulassem como seria o interior de uma penitenciária e o ensinassem a se defender, porém, nenhum desses funcionários tinham sido presos anteriormente. O patrão, o homem branco, presumiu que seus funcionários eram ex-presidiários pelo fato de serem negros e lhes ofereceu dinheiro para o que seria um treinamento de presídio. Infelizmente, essa imagem quando apresentada dificilmente o homem branco seria apontado como o verdadeiro condenado.

Figura 3 – Privilégio branco

1.3 Discuss these questions below with your classmates
(start with speaking tips)



Scene from the movie: "Get Hard" (2015)
<https://thecomicscomic.com/2015/03/17/review-get-hard-a-big-formulaic-comedy-heightened-and-hardened/> acesso em: 12 jan. 2021

a) Look at the picture above. Who do you think these men are? What do you see that makes you say that?
b) What is going on in this picture? What can you tell about the position of the white man in the picture?
c) Do you think that there are any stereotypes in this picture?

Speaking tips you can also use the expressions below to express your opinion about a subject :

- I believe...
- I bet
- In my opinion... and
- would say...
- It seems that...
- He might be ...
- Yes, there is a stereotype
- I don't think so...
- maybe...

Fonte: A própria autora.

5.1.4 Pesquisar em Diferentes Fontes Sobre Assuntos Relacionados a Questões Étnico-Raciais

Estudar a história negra, antes ou depois da diáspora, depende de muito cuidado e de uma observação atenta às fontes e às ideologias que podem estar subjacentes aos textos. Assim, é fundamental examinar as fontes de pesquisas, selecionar pesquisadores negros que mostrem sua visão sobre esses assuntos e ouvir outras vozes, que foram silenciadas ao longo da história brasileira e mundial.

Santos e Aquino (2016, p. 49) mencionam que, “além de caracterizar a cultura afrocêntrica, as fontes de informação sobre a temática étnico-racial são artefatos potencialmente capazes de fomentar e manifestar os preceitos culturais deste grupo étnico.” As autoras também destacam que as fontes com conteúdo étnico-raciais podem se tornar ferramentas contra a “inferiorização e invisibilidade da população negra na sociedade brasileira.”

A Figura 4, da unidade 3, aborda a definição do termo “*ebonics*”, que é um termo para nomear o inglês afro-americano vernacular (em inglês, *African-American Vernacular English* - AAVE). Ele é comumente referenciado como um inglês que

compreende as gírias. Muitas pessoas julgam algo atual por conta da presença de *ebonics* em músicas e falas em filmes. No entanto, o inglês afro-americano tem sua origem com os negros escravizados. Para que os alunos explorem melhor essa influência desses povos no inglês americano, pedi que eles pesquisassem em diferentes fontes a presença de *ebonics* em diversos contextos, como músicas, filmes, memes etc.

Figura 4 –Ebonics

VOCABULARY LEARNING

EBONICS

Now what is Ebonics? Ebonics is Black-American English or what some people call ghetto English, black slang or street English. But Ebonics didn't come from the ghetto or streets of Black-America. Black English existed Three hundred years before the ghettos and the street life. Ebonics came from Black slaves whom had to learn English so they could communicate with their white slave Masters.

<https://www.slideshare.net/danzavale/black-american-characteristics-and-the-group-ebonics>

3.3 Search on the internet some examples of words in EBONICS in music lyrics, comics, or cartoons.

3.4 Now, look at the pictures below and check which one has Ebonics words

Image 1 (Cartoon): MARTIN LUTHER KING JR. ONCE SAID "DISCRIMINATION IS A BELLEGGED THAT GARDENS AN RECORDS IN BURR'S MOUTH. PRESENT OF THEIR LIVES TO REMIND THEM THAT THE LIE OF THEIR INEQUALITY IS ACCEPTED AS TRUTH IN THE SOCIETY THROUGH THEM." AND LET ME REMIND YOU THAT INTO EBONICS FOR OUR AFRICAN AMERICAN STUDENTS...

Image 2 (Cartoon): "At 16, what's your?" "Well, whatever."

meplem

Fonte: A própria autora.

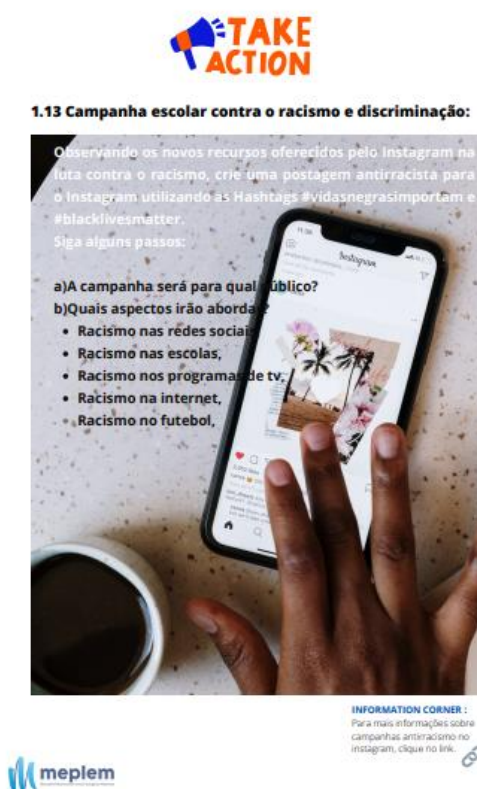
5.1.5 Produzir Textos de Diferentes Gêneros Sobre Problemáticas Racistas

A produção textual de diferentes gêneros propicia que os alunos atuem ativamente em prol do antirracismo, seja em forma de campanhas escritas, online ou cartazes. Tal ação permite que os alunos tenham suas vozes ouvidas, ao passo que também podem ouvir experiências dos amigos, atuando em uma causa comum.

A Figura 5, da unidade 1, ilustra um exemplo de campanha escolar antirracista em forma de *post* no *Instagram*. Os alunos terão liberdade para promover uma campanha antirracista considerando seu ambiente escolar suas realidades individuais ou poderão escolher direcionar suas campanhas contra o

racismo naquilo que mais chamou a atenção deles, como nas mídias, no esporte etc. Adicionalmente, terão liberdade de escolher o tipo de texto e como ele será divulgado no *Instagram*, se em formato de *posts* ou *reels*. Dessa forma, a postagem pode ser compartilhada e divulgada nas redes sociais e ter grande visibilidade.

Figura 5 - Campanha escolar antirracista em forma de *post* no *Instagram*



Fonte: A própria autora.

5.2 TIPO 2: ATIVIDADES PARA REFLEXÃO SOBRE REPRESENTATIVIDADE

Quem precisa ser representado? Quais pessoas e/ou populações têm sofrido apagamento histórico? Como falar sobre “ele” para “ele”? Existem algumas perguntas que podem deixar os educadores confusos no processo do LRC. Quando se fala em alteridade, pensa-se imediatamente em um outro muito diferente. Contudo, quando esse outro cresce comigo, o que o torna culturalmente diferente de mim? Quais são os elementos que o constituem socialmente? Esse tipo de questão tem potencial de provocar uma reflexão profunda sobre como a identidade da criança negra é constituída e quais elementos deve-se observar para entender processos discriminatórios e segregacionistas em nossa sociedade.

Malafaia (2018) discorre sobre sua participação em um projeto social em São João do Meriti, no Rio de Janeiro, com crianças negras. O autor conclui que a falta de representatividade de personagens negros nos livros de literatura infanto-juvenil colabora para o enfraquecimento da autoestima dessas crianças. Isso é decorrente de elas verem características e traços brancos como padrão de beleza devido à falta de representatividade de pessoas negras nos livros e nas mídias.

A Figura 6 mostra um exemplo de representação positiva da mulher negra, as heroínas do filme da Marvel, “Pantera Negra”, o protagonismo delas e o poderio feminino negro. Uma vez que também apresentei neste trabalho, em contraste, o quanto ainda infelizmente permeia a participação de atrizes negras em papéis secundários e estereotipados, como evidencio no próximo item.

Figura 6– Heroínas negras

2.9 Which is your movie favorite character?
 A) Have you watched The movie Black Panther?
 2.10 Read about the the main female characters from the movie "The Black Panther" and answer the questions below:

SHURY, NAKIA, GENERAL OKOYE and QUEEN RAMONDA



<http://owlhamag.com/pantera-negra/mulheres-wakanda/>

A) SHURI, THE GENIUS
 This 16-year-old is not only second in line for the throne of Wakanda, but is also the head of the country's science and technology development program. According to the directors of Avengers: Infinity War, Joe and Anthony Russo, Shuri is the smartest character in the entire Marvel Cinematic Universe. Her inventions help to make Wakanda the most advanced civilization on the planet. Played by Letitia Wright, Shuri stood out as a fan favorite not only because of her incredible brains but due to her humor and liveliness. She is a typical little sister to T'Challa: mischievous and playful. She is confident and brilliant and serves as an inspiration that young girls can be the future of the scientific field.
<https://sites.psu.edu/jbpassion/2018/09/13/black-panther/> . Acesso em: 14 abr. 2022.



Fonte: A própria autora.

5.2.1 Analisar Imagens com Pessoas Negras em Diferentes Meios

As pessoas negras não ocupam apenas lugares subalternizados em nossa sociedade. É importante mostrar que existem pessoas negras ocupando diferentes lugares sociais. Desenvolver em sala de aula o letramento visual crítico colabora para que haja uma reflexão sobre a forma como as pessoas negras estão sendo representadas nos meios didáticos. Nesse sentido, Bamford (2003 p. 1) aponta que,

para desenvolver o letramento visual, é necessário um conjunto de habilidades para interpretar um conteúdo imagético. Tais habilidades envolvem examinar o impacto social dessas imagens e discutir o propósito, o público e a propriedade.

Ao considerar as etapas de um processo de letramento visual, posso agregá-las aos princípios de letramento racial crítico, pois convergem no que diz respeito à necessidade de observação do impacto social, do público e da veiculação de imagens das populações negras. Tal fenômeno é decorrente do modo como, historicamente, essas pessoas vêm sendo representadas de forma, majoritariamente, em posições de subalternidade.

Silva (2019, p. 169) elucida como o letramento crítico engloba o letramento visual e racial, e que cada pessoa ao interpretar a imagem traz seus valores, suas crenças. “Cada intérprete mobiliza sentidos advindos de sua cultura, experiências, valores e crenças para a compreensão dos dados imagéticos que podem, eventualmente, ser reorganizados por um olhar mais atento ao objeto”.

A Figura 7 mostra como os estereótipos sobre a mulher negra na mídia ainda são propagados e a representa como agressiva, mal-humorada, com um contexto familiar marcado por agressões e pobreza. Pode-se observar a propagação de estereótipos em relação à mulher negra, os quais reafirmam a ideia de uma mulher agressiva, sempre envolvida em problemas familiares e domésticos. A personagem na caricatura é Sapphire Stevens⁶, famosa personagem do programa americano, da década de 50, "The Amos and Andy Show".

⁶ “The Sapphire Caricature” retrata as mulheres negras como rudes, barulhentas, maliciosas, teimosas e autoritárias.¹ Esta é a Mulher Negra Irritada (ABW) popularizada no cinema e na televisão. Ela tem a língua azeda e emasculada, uma mão no quadril e a outra apontando e cutucando (ou com as mãos nos quadris), balançando a cabeça violentamente e ritmicamente, zombando de homens afro-americanos por ofensas que vão desde estar desempregado até perseguir sexualmente mulheres brancas. Ela é uma resmungona estridente com estados irracionais de raiva e indignação e muitas vezes é mesquinha e abusiva. Embora os homens afro-americanos sejam seus alvos principais, ela tem veneno para qualquer um que a insulte ou desrespeite. (PILGRIM, 2008, tradução nossa)

atores e atrizes são negros e negras e em papel de destaque, posições sociais ascendentes, além de abordarem em seu enredo questões como racismo e machismo.

Figura 8 – Protagonismo negro na mídia

1.4 Before you read:

How do you think media has been representing black people's image?

() in a respectful way, valuing the cultural diversity and wisdom of the black community. Also, giving them positive prominence without negative stereotypes.

() with preconceived notions of black inferiority and several stereotypes, not valuing the diversity of black man and woman, and only the supporting roles for black characters.


1.5 Read the text below and confirm you answer.

THE MANIFESTATION OF BLACK STEREOTYPES IN TODAY'S MEDIA


Media representation of black people has often remained skewed towards gratifying preconceived notions of black inferiority by whites, presenting stereotypical tropes to uphold institutionalized slavery. Although the production of more black created television series such as "Atlanta," "Insecure," and "Dear White People" have surfaced, inciting viewers to be cognizant of the plight of the black community and to critique white privilege, these stereotypes persist and often manifest themselves in subtle ways. Disponível em: <www.blackexplosionnews.com/blog/2017/9/30/the-manifestation-of-black-stereotypes-in-todays-media> Acesso em: 09 jan, 2022

1.6 Look at the pictures below and answer:

a) Have you watched these tv series before?



https://www.alloone.fr/series/cheerme_gen_cserie=20562.html



<https://www.complex.com/pop-culture/2017/07/insecure-season-2-premiere-twitter-reactions>

meplem

Fonte: A própria autora.

5.2.3 Analisar o Ponto de Vista Subjacente à Imagem

Em relação à análise do ponto de vista, Silva (2019) comenta que, ao observar uma imagem, há crenças e valores, além de experiências do meio e cultura. Desse modo, pontos de vista diferentes sempre surgirão, principalmente em ambientes heterogêneos como o escolar. Ao compreender que o racismo é estrutural e favorece uma determinada classe de pessoas, como educadores, não devemos deixar que “histórias únicas” que perpetuam estereótipos e racismo sejam consideradas como pontos de vista.

5.2.4 Analisar a Repercussão de Publicação de Imagens

A fim de analisar a repercussão da publicação de imagens, os professores podem questionar: Qual o conteúdo das imagens? Como elas retratam as pessoas, se existem hierarquias ou posições de privilégio entre brancos e negros? Quais cenários são retratados ao se relacionarem com os aspectos étnico raciais? Existe uma representação positiva das comunidades de predominância negra? Quais as possíveis repercussões que as imagens de pessoas negras causam em uma sala de aula?


5.2.5 Analisar o Modo Como a Pessoa Negra Está Representada em Relação à Branca

Silva (2010, p. 21) salienta que a propagação de imagens de negro estereotipadas com a representação negativa e a do branco positiva, propaga a ideologia do branqueamento que prediz que existe uma superioridade racial de um em detrimento ao outro. Ao observar uma imagem com representação de várias pessoas num mesmo contexto devemos levar em conta se há uma situação de inferioridade, relação servil se existe uma igualdade nas relações?

A Figura 9, outrora escolhida para representar o privilégio branco, ilustra os itens 5.2.2, 5.2.3 e 5.2.4 mencionados acima sobre a análise e a repercussão de imagens. Ela igualmente evidencia as pessoas negras e brancas em uma mesma imagem. Pode-se observar a posição central do homem branco com uma representação facial de medo e os negros com expressões ameaçadoras. Essa imagem pode levar inúmeros questionamentos. Nesse sentido, os alunos podem e devem argumentar sobre o impacto dessa imagem em uma divulgação de filme, buscando hipóteses e perceber estereótipos.

Figura 9 – Repercussão de imagens com brancos e negros

1.3 Discuss these questions below with your classmates (start with speaking tips)



Scene from the movie: "Get Hard" (2015)
<https://thecomicscomic.com/2015/03/17/review-get-hard-a-big-formulaic-comedy-heightened-and-hardened/> acesso em: 12 jan. 2021

a) Look at the picture above. Who do you think these men are? What do you see that makes you say that?
 b) What is going on in this picture? What can you tell about the position of the white man in the picture?
 c) Do you think that there are any stereotypes in this picture?

Speaking tips you can also use the expressions below to express your opinion about a subject :

- I believe...
- I bet
- In my opinion... and
- would say...
- It seems that...
- He might be ...
- Yes, there is a stereotype
- I don't think so...
- maybe...

Fonte: A própria autora.

5.2.6 Questionar os Conceitos do Letramento Racial Crítico

Reiterando os conceitos que os estudiosos da TRC apresentaram sobre a importância do que configura o LRC, Martinez (2014) e Ferreira (2015) introduzem os cinco eixos fundamentais, nomeadamente: (i) a intercentricidade de raça e racismo, (ii) o desafio a ideologia dominante, (iii) o compromisso com a justiça social, (iv) a perspectiva interdisciplinar e (v) a centralidade do conhecimento experiencial ou *counterstorytelling*, que destaco neste tópico.

5.2.7 Eliciar Experiências Sobre Questões Raciais

Para Martinez (2014, p. 24, tradução nossa), *counterstory* é:

[...] a contra história, então, é um método de contar histórias de pessoas cujas experiências não são contadas com frequência e conforme informado pelo CRT, esta metodologia serve para expor, analisar e desafiar histórias

majoritárias de privilégio racializado e pode ajudar a fortalecer as tradições de sobrevivência social, política e cultural e resistência⁷.

A Figura 10 ilustra a escrita de narrativas de experiências com o racismo (i.e., *storytelling*) que é uma das premissas da TRC. Nesse processo, alunos negros e brancos vão poder escrever sobre suas experiências com o racismo e refletir sobre tudo o que já viram ou experienciaram. Essas histórias devem ser validadas, respeitadas e ouvidas, pois fazem parte do conhecimento experiencial dos negros.

Figura 10 – Storytelling

TAKE ACTION
STORYTELLING

Storytelling é o ato de contar uma história através de uma narrativa, compartilhando fatos e acontecimentos que você ou outra pessoa experienciou.

2.14 Você já sofreu alguma forma de racismo? Já presenciou alguma situação envolvendo racismo? Como você se sentiu em relação a isso? O que você fez a respeito?

2.15 Reflita sobre as perguntas acima e escreva a sua própria narrativa. Agora, compartilhe no padlet e conheça outras experiências.

INFORMATION CORNER: Para mais informações sobre racismo e estereótipos, clique nos links.

meplem

Fonte: A própria autora.

5.2.8 Analisar Escolhas Lexicais

No campo das relações étnico raciais, as escolhas lexicais são importantes para que não perpetuem discursos colonizadores, bem como colaborem para a quebra do racismo e dos estereótipos. Araújo (2010), em sua dissertação de mestrado sobre a análise do discurso em relação a perpetuação de estereótipo, traz uma reflexão necessária sobre as escolhas lexicais nas relações étnico-raciais. No entendimento do autor, elas têm o poder de eliminar ou perpetuar o racismo e os estereótipos. Dessa forma a Figura 11 apresenta os questionamentos sobre os

⁷ No original: Counterstory, then, is a method of telling stories of those people whose experiences are not often told and as informed by CRT, this methodology serves to expose, analyze, and challenge majoritarian stories of racialized privilege and can help to strengthen traditions of social, political, and cultural survival and resistance.

termos que são usados para discutirmos sobre a questão racial, tais como privilégio branco, racismo institucional e o uso de “black face” como fantasia para brancos. Também seus significados e a importância de identificarmos cada um para o combate ao racismo.

Figura 11- Escolhas lexicais nas relações étnico-raciais

1.11 A) The terms below were taken from the above texts to discuss racial issues. What would be the best definition for each term? Match the columns:

white privilege	black inferiority	institutionalized slavery	black-face
It is a concept that highlights the unfair societal advantages that white people have over non-white people.			
The myth of genetic inferiority of people of African ancestry.			
The myth of genetic inferiority of people of African ancestry.			
The concept was created to specify how racism manifests itself in society's organizational structures and institutions.			

Fonte: A própria autora.

5.3 TIPO 3: ATIVIDADES DE REFLEXÃO CONTEXTO SOCIAL

Sabemos que cada contexto é único e que as identidades dos grupos diferem entre si, assim como Munanga (2009) destacou, ao se referir à formação da identidade da população negra, não há uma identidade única, e sim, existem fatores socioculturais que diferem e agregam elementos culturais únicos.

5.3.1 Analisar sobre as Questões Étnico-Raciais no Próprio Contexto

A Figura 12 aborda a questão das heranças africanas na língua portuguesa do Brasil, o quanto as línguas africanas influenciaram e incorporaram em nossa língua muitos vocabulários.

Figura 12 - Heranças africanas na língua portuguesa do Brasil

3.7 A) How do you think your family origins have influenced on your language?
 B) In the United States, some people say that Ebonics or black English is a "street language". Compared to Brazilian Portuguese, do think that there is also a "Black Portuguese"?

3.8 Now, read the excerpt below from an article of a Linguistics expert and answer the following questions:

The African Contribution to Brazilian Portuguese: To what extent did the speech of slaves influence the mother tongue?

by Fernanda Ferreira

What are the ethnolinguistic origins of the Africans who arrived in Brazil? Apparently, speakers from several different linguistic groups (including Mande, Kru, Gnu, Kwa and Bantu) arrived in Brazil during three centuries of slave trade. Of these, the Bantu group came in the greatest numbers, comprising between 35% to 65% of all African slaves. It is approximated that of the African languages that contributed to Brazilian Portuguese, the Bantu languages (Kikongo, Kibumdu and, to a lesser extent, Umbundu) were the biggest suppliers of African-based conversational words. In other Caribbean countries, such as Haiti, the ratio of people of color to the white population is much higher: people of African descent comprised around 90% of the Haitian population. It is not surprising, then, that Haitian Creole is one of the languages now spoken on that Caribbean Island. Because of this multilingual tapestry in Brazil, the Portuguese language became the essential unifying mode of communication in a developing nation. Thus, a 60% to 40% ratio of Black and white population that was present in Brazil might not warrant overreaching conclusions about the development of Brazilian Portuguese, but it gives any linguist food for thought. In addition, some scholars believe that the presence of so many popular as well as cultured varieties of the language almost guarantees that no overreaching explanation about the origin of the more non-standard variety of Brazilian Portuguese can be attained. Heliana Mello argues that "the likeliest scenario [of language contact in Brazil] was a process of imperfect language shift to Portuguese by the African and Amerindian populations and their descendants." By "imperfect language shift" it is understood that not all accepted grammatical norms of European Portuguese were maintained by later generations.




Fonte: A própria autora.

5.3.2 Eliciar Opiniões Sobre a Prática Social Relacionada ao Conceito de Letramento Racial Crítico

A linguagem como prática social é um eixo estruturante do currículo escolar. Desse modo, interligar os conceitos de LRC implica, em termos, um discurso modelado para o combate aos princípios de neutralidade e "colorblindness". Assim, são esses conceitos da TRC que o estudante deve ser capaz de pôr em prática, para que as concepções de respeito à diversidade e ao antirracismo façam parte de suas atitudes, em seu convívio escolar e social. A Figura 13 traz à tona uma discussão entre estudiosos da educação e linguistas, sobre o uso do inglês afro (AAVE), em que falantes são comumente discriminados. Em ambientes formais e educacionais, eles são obrigados a falar e a escrever da forma que é considerada o inglês padrão norte-americano. Conseqüentemente, desprezando toda a herança linguística deixada pelos africanos.

Figura 13 – Discussão do AAVE

 **3.5 Read this article about discrimination towards AAVE speakers at U.S. schools. Then, answer the questions below:**

Discrimination towards AAVE speakers

Generations of white citizens maligned or mocked speakers of AAVE casting doubt on their intelligence and making their distinctive speaking patterns the object of racial ridicule (PBS, 2005).

Within public schools, educators teach students Standard English. As a result, many students feel that the use of African American Vernacular English is inappropriate. African American students cannot turn in essays using Ebonics, nor may they speak in that way during oral presentations. If they do, their grades will suffer, and other students may mock them. This ridicule creates code-switching that stays with the student throughout their life. Code-switching derives from African Americans' conscious efforts to adhere to standard English amidst white people.

<https://writing-workshop.com/why-writers-should-embrace-ebonics-writing-skills-more-GuGdR9d35af>. Acesso em: 28 fev. 2022.



<https://the-magazine.org/12/aint-no-rhazor/#YRQByMLr>. Acesso em: 08 abr 2022

- According to the text, U.S. public schools' students cannot write or do oral presentations using "ebonics". Do you agree or disagree with that? Why?
- Do you think schools should consider AAVE and not only American Standard English? Why?
- In your school, do you think students need to "code-switch" to do oral presentations or do handwritings? Can you give an example?



Fonte: A própria autora.

5.3.3 Identificar a Intercentricidade Entre as Formas de Subordinação Incluindo Raça, Gênero e Classe Social

Partindo do primeiro princípio da TRC, deve-se observar, em seu contexto social, as diversas formas de preconceito e racismo entre os grupos subalternizados, incluindo a diversidade racial e a diversidade de gênero. Na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), a introdução do documento aponta os princípios de equidade:


[d]e forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos entre esses povos, o texto da BNCC destaca os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes. (BRASIL, 2018, p. 15)

A Figura 14 aponta os conceitos de estereótipos midiáticos em relação à mulher negra de classe social mais baixa, que está entre os grupos que estão mais marginalizados.


Figura 14 - Conceitos de estereótipos midiáticos em relação à mulher negra de classe social mais baixa


1.8 Before getting to know about Sapphire Caricature, choose the statement below that is correct about the meaning of the word "Caricature".


() : exaggeration by means of often ludicrous distortion of parts or characteristics;
 () : one that represents, such as an artistic likeness or image.

 **The Sapphire Caricature**

The Sapphire Caricature portrays black women as rude, loud, malicious, stubborn, and overbearing.¹ This is the Angry Black Woman (ABW) popularized in the cinema and on television. She is tart-tongued and emasculating, one hand on a hip and the other pointing and jabbing (or arms akimbo), violently and rhythmically rocking her head, mocking African American men for offenses ranging from being unemployed to sexually pursuing white women. She is a shrill nagger with irrational states of anger and indignation and is often mean-spirited and abusive.
 Disponível em: <www.ferris.edu/HTML5/news/jimcrow/antiblack/sapphire.htm> Acesso em: 09 jan. 2020.

 1.9 Now, watch The Amos 'n' Andy Show" full episode, in which you will see the character Sapphire:





Fonte: A própria autora.

5.3.4 Refletir Sobre Produtos Culturais e Perspectivas Interdisciplinares

Tendo em mente que produtos culturais derivam de contextos específicos, as abordagens podem e devem ser escolhidas pelos professores de acordo com suas realidades. Os professores não podem perder de vista que estes produtos devem favorecer a herança cultural da afrodescendência, sobre a perspectiva interdisciplinar; o que é um dos pilares da TRC. Assim, uma perspectiva interdisciplinar pode colaborar para expandir a questão da representatividade, uma vez que extrapola a questão disciplinar e permite que outras áreas e outras disciplinas tenham convergência em suas atuações no contexto escolar ao favorecer as práticas antirracistas.

No *e-book*, foram apresentadas personagens femininas do filme "A pantera negra" e sinopses das séries *streaming* "Insecure" e "Dear White People", que

podem ser consideradas como produtos culturais, apresentados como ilustrativos do protagonismo negro.

5.3.5 Comparar Questões Raciais Entre Contexto Nacional e Outros Contextos

Os professores podem buscar outras fontes de informação e estudos étnico-raciais para realizar uma comparação entre o Brasil e outros países, principalmente os países de língua inglesa, tendo em mente que o racismo ocorre de forma sistêmica. A Figura 15 representa um questionamento sobre as possíveis “histórias únicas” no Brasil, comparando aos países mencionados do discurso de Adichie (CHIMAMANDA..., 2009).

Figura 15 – Exemplos de histórias únicas



Fonte: A própria autora.

5.4 TIPO 4: ATIVIDADES PARA DESENVOLVER A LINGUAGEM PARA A PRÁTICA SOCIAL

Cavalleiro (2001, p. 149) destaca que “a educação antirracista é pensada como um recurso para melhorar a qualidade de ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática da cidadania.” Dessa forma a linguagem para práticas sociais devem levar a reflexão sobre o que são essas práticas? Quais barreiras elas devem ultrapassar em relação ao discurso hegemônico vigente? Quais são os contextos que envolvem seus alunos?”

5.4.1 Desenvolver Vocabulário no Campo Lexical do Racismo e Antirracismo

Além do desenvolvimento de vocabulários antirracistas, Cavalleiro (2001, p. 156) traz um conceito muito interessante que os professores podem aderir em sua prática. A autora salienta a importância de os educadores aderirem a “falas explícitas” no que concerne às crianças e aos/às adolescentes negros e negras. Essa fala deve ser positivada, direcionada contra qualquer discriminação e “provocar nela(s) um sentimento de pertencimento escolar”.

Na Figura 16, existe uma discussão sobre o racismo institucional e o privilégio branco, como está presente nos setores da sociedade e como afeta a vida das pessoas negras, o quanto é importante reconhecer esses privilégios para o antirracismo.

Figura 16 – Exemplos de como dialogar sobre privilégio branco

The image shows a worksheet with two main discussion questions. At the top left, there is an icon of two heads with gears inside, representing thought or discussion. The text of the questions is as follows:

B) Discuss with your friends: In your daily life, can you identify how the above terms are present in sectors of society? Besides using black face by whites as a carnival costume, can you give another example of how institutional slavery is present in society?

C) White privilege are systemic, symbolic and material advantages of an individual or group over others due to different conditions. This links directly to whiteness and racism, and demonstrates that, yes, the color of your skin influences your life. Can you give an example of white privilege in the environment where you live?

At the bottom right, there is an 'information corner' with the text: "Para mais informações sobre privilégio branco e racismo institucional clique:" followed by two blue arrows pointing to the right. At the bottom left, there is a logo for 'meplem'.

Fonte: A própria autora.

5.4.2 Desenvolver o Conhecimento de Gêneros Escritos

De acordo com a BNCC, "o ato de escrever é também concebido como prática social e reitera a finalidade da escrita condizente com ela, oportunizando aos alunos agir com protagonismo" (BRASIL, 2018, p. 244). Reitero aqui o fato de as narrativas autobiográficas serem ricos instrumentos, como propostas por Ferreira (2015), enquanto práticas reflexivas para o LRC anteriormente destacados. Também retomo a produção do gênero *post* de campanha de *Instagram*, ilustrado nas Figuras 5 e 10.

5.4.3 Analisar o Contexto de Produção de Textos (Oral, Escrito e Multimodal)

Em relação à análise de contexto para a produção textual, os professores poderão avaliar melhor seu contexto de produção. A Figura 17 apresenta exemplos variados em que ocorre a discriminação linguística, como mencionado anteriormente sobre o *ebonics* e o AAVE. Em ambos os casos há uma rejeição do que não seja o inglês padrão, também mencionado anteriormente no que diz respeito ao combate ao eurocentrismo. Além de terem a oportunidade de análise do contexto de produção dos memes, os alunos são levados a questioná-los com pensamento crítico e, posteriormente, exporem suas opiniões de forma escrita ou oral.

Figura 17 – Exemplos de discriminação linguística



Fonte: A própria autora.

5.4.4 Desenvolver o Conhecimento de Gêneros Oraís e Compreensão Oral

A Figura 18 contempla a atividade desenvolvida sobre o “*ted talk*” em língua inglesa, intitulado “*The Danger of a Single Story*”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, como anteriormente mencionado. Nele, ela aborda a questão de estereótipos, preconceito e racismo, sobre como os pré-conceitos e estereótipos podem perpetuar apenas um lado de uma história. As atividades

também contemplam informações sobre o que é um “*ted talk*” e um pouco mais sobre os tipos existentes desse gênero.

Figura 18 – Documentário da Chimamanda

2.4 You are going to watch a TED talk called “The Danger of a Single Story” from the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. Before you watch, let’s know more about the genre Ted Talk and its types :

A TEDx Talk is a showcase for speakers presenting great, well-formed ideas in under 18 minutes.

Types of talks

The big idea

The talks that make one or two very strong points, and it’s important. Examples: [Brian Stevenson](#), [Oonora O’Neill](#), [Chimamanda Ngozi Adichie](#).

The tech demo

An onstage look at some clever new invention that the speaker was a part of creating. Examples: [Tan Le](#), [Markus Fischer](#), [Baffaello D’Andrea](#).

The performance

Music, dance, magic, puppetry, or some other performance to captivate your audience. Examples: [Uman Riaz](#) – [Preston Reed](#), [Arthur Benjamin](#), [Pilobolus](#).

The artist’s statement

In these talks, artists showcase their art and explain the meaning and process behind what they create. Examples: [Raghava KK](#), [Jiu Bolin](#), [Aparna Rao](#).

The “dazzle with wonder”

These talks are mainly about the amazement of science and discovery. Examples: [Yoan Med](#).

The small idea

These talks are not about one big, world-changing idea, but instead a very engaging take on an interesting topic. Examples: [Mary Roach](#), [Joe Smith](#), [Charlie Todd](#).

The “issue” talk

These talks expose your audience to an issue that they may not otherwise know much about. Examples: [Rodrigo Canales](#), [Lawrence Lessig](#), [Rose George](#).

adapted from <https://www.ted.com/participate/organize-a-local-tedx-event/tedx-organizer-guide/speakers-program/what-is-a-tedx-talk>. Acesso em 02 dez 2022



Fonte: A própria autora.

5.5 TIPO 5: ATIVIDADES PARA ENGAJAMENTO SOCIAL

O terceiro princípio da TRC proposto por Ferreira (2015) é o de compromisso com a justiça social. Dessa forma, atividades inspiradas neste princípio têm como objetivo proporcionar o engajamento social, como demonstrado nos itens abaixo. Os professores podem optar por desenvolvê-las durante suas aulas e com o envolvimento da comunidade escolar.

5.5.1 Identificar Grupos Que Atuam em Prol de Uma Causa Antirracista

Assim como o trabalho desenvolvido pelas EM os professores também poderão contar com a colaboração de movimentos sociais atuantes contra o racismo e permitirem parcerias no desenvolvimento curricular.

5.5.2 Inserir-se em Grupos que Atuam em Prol de Uma Causa Antirracista

Tanto os professores como os alunos são peças fundamentais para que esses movimentos se fortifiquem nos espaços escolares, durante todo o período letivo. Assim, tais movimentos, junto como os das EM, podem atuar efetivamente em prol da causa. A Figura 19, vista anteriormente como Figura 5, agora apresenta exemplos de como os alunos podem participar de ações que buscam o engajamento social, como campanhas escolares contra o racismo e a discriminação, com o apoio de professores e da EM, inserindo-se no coletivo e atuando em prol da causa antirracista.

Figura 19 - Exemplos de como os alunos podem participar de ações que buscam o engajamento social



Fonte: A própria autora.

5.5.3 Divulgar informações em prol de uma causa antirracista

Campanhas, debates, conscientização e palestras com os temas étnico-raciais devem fazer parte de todas as séries escolares e devem acontecer durante todo o ano, não somente em períodos isolados como o 20 de novembro, por exemplo. A figura abaixo elucida como as mídias sociais podem ser utilizadas como ferramentas em prol de campanhas antirracistas. Nesta figura, temos uma notícia de 2021 que divulga ferramentas antirracistas do *Instagram*. Essa mesma reportagem serviu de texto de apoio para a criação da Campanha Antirracista apresentada na Figura 20.

Figura 20 – Exemplo de Campanha antirracista



Read the text and follow the instructions:

Instagram lança novos recursos contra racismo e discurso de ódio

Por Pedro Cardoso, para o TechTudo

Plataforma planeja responsabilizar usuários que publicam conteúdos abusivos no Instagram



O Instagram anunciou, nesta quarta-feira (11), uma série de novos recursos e normas que visam a combater o racismo e o discurso de ódio em sua plataforma. A nova atualização da rede social busca proteger os seus usuários, principalmente os produtores de conteúdo, e deve ter mecanismos para encontrar e deletar este tipo de mensagens em breve.

- Instagram: oito enquetes prontas e com respostas de 'sim ou não'

De acordo com o texto publicado por Adam Mosseri, chefe do Instagram, no próprio blog da rede social de Mark Zuckerberg, a introdução dos novos recursos foi motivada pelo episódio de racismo contra os jogadores de futebol da Inglaterra, que perderam as cobranças de pênaltis na decisão da Eurocopa, disputada neste ano.

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/08/instagram-lanca-novos-recursos-contra-racismo-e-discurso-de-odio.html> Acesso em 18 abr 2022

Fonte: A própria autora.

5.5.4 Criar Textos Verbais e Não Verbais Promovendo a Visibilidade das Minorias (dos Grupos Subalternos)

Cavalleiro (2001, p. 157) sugere que crianças e adolescentes negros tenham seu amor-próprio fortalecido, tendo o devido reconhecimento no espaço escolar. Uma forma de propiciar esse fortalecimento é a prática não-verbal. “Como já foi dito, a expressão não-verbal é rica e deve ser utilizada para estimular a participação das crianças, evidenciando sua aceitação no espaço escolar.” Dessa forma, a prática de LRC colabora para que a escrita favoreça o protagonismo dos estudantes.

O processo de LRC não é algo instantâneo ou inerente, exige muita capacidade de percepção de questões relacionada aos privilégios, de empatia, de entendimento das lutas contra a discriminação e racismo. Dessa forma, quando temas como ‘estereótipos nas mídias’ são abordados em sala de aula, eles colaboram muito para esse exercício de reflexão sobre representatividade.

A figura abaixo apresenta um vocabulário que é herança da influência do Quimbundo (uma das línguas falada na Angola) na nossa língua portuguesa. Permitir que os alunos conheçam e valorizem a ancestralidade africana e toda sua

contribuição para nossa língua, arte e cultura, permite que alunos afrodescendentes se sintam pertencentes e representados de forma justa e mais igualitária.

Figura 21 – Ação voltada à representação da ancestralidade africana

3.9 Write true (T) or false (F).

- a) () According to the text, the Bantu group came in the greatest numbers, comprising between 35% to 65% of all African slaves.
 b) () The Bantu language contributed to Brazilian Portuguese.
 c) () "imperfect language" is understood as non-standard Portuguese language.
 d) () The Africans who arrived in Brazil did not influence the Brazilian Portuguese.



3.10 Observe a definição abaixo em inglês da palavra cafuné.



FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=gYdPC5iyAAc&list=PL1abr2022>

3.11 Agora, utilizando a ferramenta Canva, escolha uma palavra em português com origem Africana, assim como no exemplo acima, e escreva sua definição em inglês.

Information corner: Para maiores informações sobre as influências africanas na língua portuguesa, visite os sites abaixo:



Fonte: A própria autora.

6 CONCLUSÃO

A compreensão sobre conceitos étnico-raciais e seus desdobramentos entre os direitos civis e a educação é o pilar para o desenvolvimento do LRC através dos estudos da TRC, para, assim, entender que não apenas no Brasil ou nos EUA existem populações negras silenciadas ou invisibilizadas, dando um passo importante no combate às desigualdades entre populações brancas e negras. Ladson-Billings (2002, p. 284) defende a ideia de que o Brasil “participe de um movimento de construção de uma consciência racial crítica mundial”. Visando somar esforços na construção de uma tal consciência, elaborei uma tipologia de atividades para o ensino de inglês na perspectiva da TRC, organizada em 5 tipos, nomeadamente: 1) Atividades de estudo sobre questões étnico-raciais; 2) Atividades para reflexão sobre representatividade; 3) Atividades de reflexão sobre o contexto social; 4) Atividades para desenvolver a linguagem para a prática social e; 5) Atividades para engajamento social.

Com os temas abordados na tipologia como questões de raça, gênero e classe social, é possível fazer reflexões sobre práticas educacionais antirracistas para ensino de língua inglesa sob o viés de experiências de uma pesquisadora e professora branca. Compreender que o LRC é um processo contínuo e gradativo, demanda um pensamento e posicionamento crítico na sociedade, observações acerca de privilégios e desigualdades raciais.

Para que o LRC ocorra, é preciso que o sujeito concorde que o racismo está presente em todos os setores da sociedade de forma endêmica. Os professores não devem ser os únicos a serem letrados racialmente, nem tampouco os únicos responsáveis por práticas antirracistas. No entanto, toda a comunidade escolar e outras entidades sociais devem propiciar espaços para que as práticas possam acontecer de forma dialogada, segura e com respeito mútuo, propiciando a discussão de privilégios de forma justa, para que todos sejam respeitados a partir da sua singularidade/pluralidade.

A tipologia aqui apresentada para uso nas aulas de inglês no ensino fundamental é um apoio pedagógico. Os professores podem agregar estes itens em seus contextos de sala de aula ou também ampliar essa tipologia e/ou recriá-la. Os itens que compõem a tipologia foram desenvolvidos sob a perspectiva de uma pesquisadora branca. Consequentemente, novos pontos de vista podem surgir sob

as perspectivas de pesquisadores negros e de outras etnias. Destaco também que os tópicos linguísticos abordados compõem o currículo do ensino fundamental II. As séries iniciais ou educação infantil podem necessitar de pesquisas complementares.

Dessa forma, sugiro que trabalhos futuros e materiais didáticos sejam pensados sob a perspectiva do LRC para todas as séries. Doravante, será possível atender a todos os alunos. Paralelamente, a elaboração de tais materiais pode servir de espaço fértil para a formação de professores, atuando também de apoio pedagógico pautado em tipologias de atividades com os conceitos da TRC.

Os conceitos desenvolvidos, a partir do estudo do LRC e dos estudos sobre a branquitude, reforçaram e modificaram minha forma de atuação como pesquisadora e professora. Desta forma, dialogo com outros saberes na certeza de que ainda tenho que aprofundar e refletir muito sobre a produção de material didático para ensino de língua inglesa, com ênfase na diversidade cultural e étnica do Brasil e dos países falantes de tal língua. Assim, o resultado desse trabalho se desdobra na produção de um *e-book* para utilização nas aulas de inglês, por meio das reflexões acerca do LRC e da tipologia elaborada, a qual poderá contribuir no trabalho dos professores de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Artur Santos dos. **Estereótipos**: constituição, legitimação e perpetuação no discurso sobre o negro. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Tania Maria. Transposição didática de gêneros discursivos: algumas reflexões. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 198-214, jul./dez. 2010.

BAMFORD, Anne. **Visual literacy white paper**. Australia: Adobe Systems, 2003. Disponível em: <https://aperture.org/wp-content/uploads/2013/05/visual-literacy-wp.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 24 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **PIBID**: apresentação. Brasília: MEC, [2022]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 20 out. 2022.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. São Paulo: Editora Vozes, 2014. p. 25-54.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica**. Buenos Aires: Aique, 1997. Disponível em: http://www.terras.edu.ar/biblioteca/11/11DID_Chevallard_Unidad_3.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

CHEVALLARD, Yves. On didactic transposition theory: some introductory notes. *In*: THE INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON SELECTED DOMAINS OF RESEARCH AND DEVELOPMENT IN MATHEMATICS EDUCATION, 10., 1988, Bratislava. **Proceedings** [...]. Bratislava: [s. n.], 1988. p. 51-62. Disponível em: http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/IMG/pdf/On_Didactic_Transposition_Theory.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

CHIMAMANDA Adichie o perigo de uma história única. [s. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (19min16). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 21 ago. 2022.

COMO três mulheres criaram o movimento global Black Lives Matter a partir de uma hashtag. **BBC NEWS BRASIL**, [São Paulo], 20 dez.2020. Disponível em: Como três mulheres criaram o movimento global Black Lives Matter a partir de uma hashtag - BBC News Brasil. Acesso em: 20 out.2021.

COQUEIRO, Edna *et al.* Equipe multidisciplinar: uma experiência da educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena na rede estadual da educação básica do Paraná. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: EDUCERE 2013. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cfc/artigo.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean. Introduction. *In*: DELGADO, Richard; STEFANCIC, Jean (ed). **Critical race theory: the cutting edge**. Philadelphia: Temple University press, 2000.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Formação de professores Raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês**. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

GOMES, Nilma Lino *et al.* Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal**, [s. l.], v. 10639, n. 3, p. 39-64, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. *In*: GOMES, Nilma Lino (org). **Um olhar além das fronteiras educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 97-109.

IBGE. **Características gerais dos moradores 2020-2021**: PNAD contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

LADSON-BILLINGS, Gloria. Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings). [Entrevista cedida a] Luis Armando Gandin, Júlio Armando Diniz-Pereira e Álvaro Moreira Hipólito. **Educação & Sociedade**, Porto Alegre, v. 23, n. 79, 275-293, 2002.

LEITE, Priscila Souza Chisté. Produtos educacionais em mestrados profissionais na área de ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **Atas CIAIQ**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 330-339, 2018.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 10., 2018, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: COPENE, 2018. p. 1-17. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQ_UIVO_COPENE2.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

MARTINEZ, Aja Y. Critical race theory: its origins, history and importance to the discourses and rhetorics of race. **Frame**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 9-27, 2014.

MILNER, H. Richard; HOWARD, Tyrone C. Counter narrative as method: race, policy, and research for teacher education. **Race, Ethnicity and Education**, New York, v. 16, n. 4, p. 536-56, 2013.

MOSLEY, Melissa. 'That really hit me hard': moving beyond passive and anti-racism to engage with critical race literacy pedagogy. **Race Ethnicity and Education**, New York, v. 13, n. 4, p. 449-471, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

NETTO, Carolina Angélica Ferreira. Letramento para as relações étnico-raciais e formação de professores. **Revista África e Africanidades**, [Rio de Janeiro], v. 12, n. 32, p. 1-18, 2018. Disponível em: <http://africaeaficanidades.com.br/documentos/0090112019.pdf>. Acesso em: 21 ago.2022

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Equipes multidisciplinares**. Curitiba: SEED, [2021]. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=560>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PEREIRA, Amilcar Araújo; SILVA, Jessika Rezende Souza da. Possibilidades na luta pelo ensino de histórias negras na era das bases nacionais curriculares no Brasil e nos Estados Unidos: a lei 10.639/03 e os National History Standards. **Educar em Revista**, Curitiba, v, 37, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/YQGhVYPVBmw3Dd6M834CNPQ/>. Acesso em: 20 out. 2021.

PILGRIM, David. The sapphire caricature. **Jim Crow Museum**, Big Rapids, 2008. Disponível em: <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/antiblack/sapphire.htm>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PROTESTOS espalhados pelo mundo apoiam movimento 'Black Lives Matter'. G1, [São Paulo], 6 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/06/protestos-espalhados-pelo-mundo-apoiam-movimento-black-lives-matter.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Cecília Gusson; SANTOS, James Rios Oliveira; EL KADRI, Michele. Letramento Racial Crítico na construção da Educação Antirracista nas aulas de língua inglesa da Educação Básica. **Entretextos**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 153-172, 2021 Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/43104>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento; AQUINO, Miriam Albuquerque. Entre os estudos culturais e a Ciência da Informação: fontes de informação étnico-raciais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 29-55, 2016 Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/17492>. Acesso em: Acesso em: 24 abr. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/155>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SILVA, Ana Célia. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA, Cotrim Andrea. Letramento crítico (visual e racial): desconstruindo representações unívocas e suas violências. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 168-180, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/68452>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 63, p.489-506, set/dez. 2007.

SOLORZANO, Daniel G. Images and words that wound: critical race theory, racial stereotyping, and teacher education. **Teacher Education Quarterly**, Pennsylvania, v. 24, n. 3, p.5-19, 1997.

WOGINSKI, Gilson Rodrigo. **Práticas pedagógicas em LEM-Espanhol: contribuições para reflexões étnico-raciais via gêneros textuais e Letramento Racial Crítico**. 2018. 100 f. (Mestrado em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ENGLISH FOR ALL

Ensino de língua inglesa para práticas antirracistas



Autora: Renata Fantaussi

Supervisora técnica: Prof. Dra. Denise I. B. Grassano Orteni

APRESENTAÇÃO



Sou professora de inglês há quatorze anos, formada pela Universidade Estadual de Londrina, Mestre pela mesma Universidade e pós-graduada pela Universidade Tecnológica e Federal do Paraná. Iniciei minhas pesquisas sobre práticas antirracistas e ensino, na graduação com projeto oferecido pelo NEAB, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros. Atuei como professora do quadro próprio do magistério do Estado do Paraná, no ensino fundamental anos finais na Escola Estadual Professora Kazuco Ohara. Também fui membro da Equipe Multidisciplinar na mesma escola. Atualmente sou técnica pedagógica da equipe de ensino do Núcleo Regional de Educação de Londrina.

Este material apresenta atividades para a educação antirracista no ensino de inglês que contemplam estudos da Teoria Racial Crítica (FERREIRA, 2006, 2015) e princípios da Lei 10.639/03. As atividades foram elaboradas a partir de minha experiência em sala de aula e participação em programas de combate ao racismo escolar, como por exemplo, a Equipe Multidisciplinar do estado do Paraná. As atividades propostas também estão em consonância com o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP). Dessa forma, essas atividades, distribuídas em três unidades, têm o intuito de colaborar com professores de língua inglesa interessados em práticas antirracistas no ensino fundamental II.

A fundamentação teórica, o processo de elaboração e a tipologia de atividades que organiza o material podem ser conhecidos no artigo intitulado: **LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS: UMA TIPOLOGIA DE ATIVIDADES PARA PRÁTICAS ANTIRRACISTAS**, elaborado por mim, Renata Fantaussi, sob orientação da Professora Doutora Denise Ismênia Bossa Grassano Ortenzi no Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas da UEL. Espero que esse material possa colaborar como ferramenta nas práticas antirracistas no ensino de língua inglesa,

Abraços,

Renata Fantaussi

TABLE OF CONTENTS

UNITS	RACIAL LITERACY ISSUES	GENRES	VOCABULARY IN CONTEXT	LANGUAGE SKILLS
1-TALKING ABOUT STEREOTYPES	White privilege Black stereotypes on media and tv Racial bias in visual representations Antiracist Community Black woman representations (the ABW stereotype) School campaign against racism	Dictionary definition; Articles; News articles; Educational articles; Reading caricatures; Verbal and nonverbaland texts; Tv series plot summary; Characters; descriptions; Website extract text.	Stereotype definition; Caricature; Black people stereotype on media. Adjectives: positive and negative qualities; Characters; descriptions.	Speaking: giving opinion Expressions of opinion Writing: Instagram post reading comprehension
2- THE DANGER OF A SINGLE STORY	Black female writers Black women's representation in the media and entertainment industry Speech about Stereotypes	Biography; Documentary.	Time Expressions; Simple past; Cultural diversity.	Listening: Documentary; Speaking: giving opinion; Writing: storytelling and experiences with racism.
3- AFRICAN AMERICAN ENGLISH	African American English (AAVE) Ebonics Reflect and question Eurocentrism through memes Discrimination towards AAVE speakers	Cartoons; Memes; News articles; Articles.	Identifying AAVE vocabulary; Ebonics vocabulary; African American English origins vocabulary.	Writing: African Portuguese vocabulary definition in English reading comprehension

Unit 1 BLACK STEREOTYPES ON THE MEDIA



1.1 Do you know the meaning of the term stereoytpe? Share your thoughts with your friends, then read the following definition of the term from a dictionary:

"A standardized mental picture that is held in common by members of a group and that represents an oversimplified opinion, prejudiced attitude, or uncritical judgment."



1.2 Now, find another definition for the term stereotype and, after that, write a definition in Portuguese in your own words.

.....

.....

.....



1.3 Discuss these questions below with your classmates (start with speaking tips).



Scene from the movie: "Get Hard" (2015)

<https://thecomicscomic.com/2015/03/17/review-get-hard-a-big-formulaic-comedy-heightened-and-hardened/> acesso em: 12 jan. 2021

- Look at the picture above. Who do you think these men are? What do you see that makes you say that?
- What is going on in this picture? What can you tell about the position of the white man in the picture?
- Do you think that there are any stereotypes in this picture?

Speaking tip: You can also use the expressions below to express your opinion about a subject :

- **I believe...**
- **I bet**
- **In my opinion... and**
- **I would say...**
- **It seems that...**
- **He might be ...**
- **Yes, there is a stereotype**
- **I don't think so...**
- **Maybe...**

INFORMATION CORNER: for further information about racial stereotypes watch this video:





1.4 Before you read:

How do you think media has been representing black people's image?

() in a respectful way, valuing the cultural diversity and wisdom of the black community. Also, giving them positive prominence without negative stereotypes.

() with preconceived notions of black inferiority and several stereotypes, not valuing the diversity of black man and woman, and only the supporting roles for black characters.

1.5 Read the text below and confirm you answer.



THE MANIFESTATION OF BLACK STEREOTYPES IN TODAY'S MEDIA

Media representation of black people has often remained skewed towards gratifying **preconceived notions of black inferiority** by whites, presenting stereotypical tropes to uphold **institutionalized slavery**. Although the production of more black created television series such as "Atlanta," "Insecure," and "Dear White People" have surfaced, inciting viewers to be cognizant of the plight of the black community and to critique **white privilege**, these stereotypes persist and often manifest themselves in subtle ways.

Disponível em: <www.blackexplosionnews.com/blog/2017/9/30/the-manifestation-of-black-stereotypes-in-todays-media> Acesso em: 09 jan. 2022

1.6 Look at the pictures below and answer:

a) Have you watched these tv series before?



<https://www.complex.com/pop-culture/2017/07/insecure-season-2-premiere-twitter-reactions>

https://www.allocine.fr/series/ficheserie_gen_cserie=20562.html



1.7 Read the series plot and match it with the right description:

1 Dear white people

2 Insecure

() Created by and starring Issa Rae, this comedy series looks at the friendship of two modern-day black women, as well as all of their uncomfortable experiences and racy tribulations. As they navigate the tricky professional and personal terrain of Los Angeles, best friends Issa (Rae) and Molly (Yvonne Orji) face the challenges of being black women who defy all stereotypes.

Disponível em: <https://www.hbo.com/series>. Acesso em: 15 Jan. 2021

() A social satire that follows the stories of four black students at an Ivy League college where controversy breaks out over a popular but offensive **black-face party** thrown by white students. With tongue planted firmly in cheek, the film explores racial identity in acutely-not-post-racial America while weaving a universal story of forging one's unique path in the world.

Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2235108/plotsummary>. Acesso em: 15 jan. 2021

INFORMATION CORNER:

Movies and tv shows that fights against racism:



1.8 Before getting to know about Sapphire Caricature, choose the statement below that is correct about the meaning of the word “Caricature”.

- () : exaggeration by means of often ludicrous distortion of parts or characteristics;
- () : one that represents, such as an artistic likeness or image.

The Sapphire Caricature

The Sapphire Caricature portrays black women as rude, loud, malicious, stubborn, and overbearing.¹ This is the **Angry Black Woman** (ABW) popularized in the cinema and on television. She is tart-tongued and emasculating, one hand on a hip and the other pointing and jabbing (or arms akimbo), violently and rhythmically rocking her head, mocking African American men for offenses ranging from being unemployed to sexually pursuing white women. She is a shrill nagger with irrational states of anger and indignation and is often mean-spirited and abusive.

Disponível em: <www.ferris.edu/HTMLS/news/jimcrow/antiblack/sapphire.htm> Acesso em: 09 jan. 2020.



1.9 Now, watch The Amos ‘n’ Andy Show” full episode, in which you will see the character Sapphire:



<https://www.youtube.com/watch?v=Qy7R9Rv8pBY&t=6st>

1.10 CHOOSE THE ALTERNATIVE THAT ESTABLISHES A RELATIONSHIP BETWEEN THE TEXT AND THE IMAGES BELOW.

- () These women seem to be angry and aggressive which reinforce the stereotype of ABW.
- () These women can represent different women from different races, not only black women.
- () These women can also represent women from different social classes, they seem to have privileges.



<https://www.opensubtitles.com/pt-BR/tvshows/2005-everybody-hates-chris/seasons/1/episodes/1-everybody-hates-chris-everybody-hates-the-pilot>



<https://www.ferris.edu/HTMLS/news/jimcrow/antiblack/sapphire.htm>

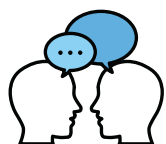


<https://www.thebharatexpressnews.com/when-trump-calls-a-black-woman-angry-he-feeds-this-racist-trope/>



1.11 A) The terms below were taken from the above texts to discuss racial issues. What would be the best definition for each term? Match the columns:

white privilege	black inferiority	institutionalized slavery	black-face
It is a concept that highlights the unfair societal advantages that white people have over non-white people.			
The myth of genetic inferiority of people of African ancestry			
Dark makeup worn by white to immitate the appearance of a Black person and especially to mock Black people			
The concept was created to specify how racism manifests itself in society's organizational structures and institutions.			



B) Discuss with your friends: In your daily life, can you identify how the above terms are present in sectors of society? Besides using black face by whites as a carnival costume, can you give another example of how institutional slavery is present in society?

C) White privilege are systemic, symbolic and material advantages of an individual or group over others due to different conditions. This links directly to whiteness and racism, and demonstrates that, yes, the color of your skin influences your life. Can you give an example of white privilege in the environment where you live?

information corner: Para mais informações sobre privilégio branco e racismo institucional acesse:



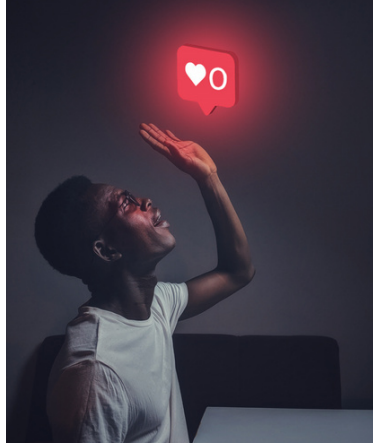


1.12 Read the text and follow the instructions:

Instagram lança novos recursos contra racismo e discurso de ódio

Por Pedro Cardoso, para o TechTudo

Plataforma planeja responsabilizar usuários que publicam conteúdos abusivos no Instagram



O Instagram anunciou, nesta quarta-feira (11), uma série de novos recursos e normas que visam a combater o racismo e o discurso de ódio em sua plataforma. A nova atualização da rede social busca proteger os seus usuários, principalmente os produtores de conteúdo, e deve ter mecanismos para encontrar e deletar este tipo de mensagens em breve.

- Instagram: oito enquetes prontas e com respostas de 'sim ou não'

De acordo com o texto publicado por Adam Mosseri, chefe do Instagram, no próprio blog da rede social de Mark Zuckerberg, a introdução dos novos recursos foi motivada pelo episódio de racismo contra os jogadores de futebol da Inglaterra, que perderam as cobranças de pênaltis na decisão da Eurocopa, disputada neste ano.

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/08/instagram-lanca-novos-recursos-contra-racismo-e-discurso-de-odio.ghtml> Acesso em 18 abr.2022

1.13 Campanha escolar contra o racismo :

Observando os novos recursos oferecidos pelo Instagram na luta contra o racismo, crie uma postagem antirracista para o Instagram utilizando as Hashtags #vidasnegrasimportam e #blacklivesmatter.

Siga alguns passos:

a) A campanha será para qual público?

b) Quais aspectos irão abordar?

- Racismo nas redes sociais,
- Racismo nas escolas,
- Racismo nos programas de tv,
- Racismo na internet,
- Racismo no futebol,



INFORMATION CORNER :


Para mais informações sobre campanhas antirracismo no Instagram leia o qr code.



UNIT 2 THE DANGER OF A SINGLE STORY

Before you start:

The text below is a **biography** that tells a real story about a person's life. Its structure begins with the presentation of someone, followed by chronological accounts of her life, and finally a conclusion that brings her legacy or current living condition. It must be written with accuracy and honesty; it must not have controversial information.

 **2.1 You are going to read a short Biography about the writer Chimamanda Ngozi Adichie. What kind of information do expect to find in the text?**

- The name of her books
- Her educational background
- Her place of birth
- Her personal life details



Chimamanda Ngozi Adichie was born in 1977 in Enugu, Nigeria. She studied medicine and pharmacy at the University of Nigeria then moved to the US to study communications and political science at Eastern Connecticut State University. She had several short stories published in literary journals, winning various competition prizes. Her first novel, *Purple Hibiscus*, was published in 2003. It won the 2005 Commonwealth Writers Prize (Overall Winner, Best Book), and was shortlisted for the 2004 Orange Prize for Fiction.

Her second novel is *Half of a Yellow Sun* (2006). It won the 2007 Orange Broadband Prize for Fiction. Chimamanda's third novel *Americanah*, was written during a fellowship awarded by the Radcliffe Institute for Advanced Study in 2011-2013 and was published to great acclaim in 2013. In 2019 it was announced that *Americanah* will be adapted into a ten-part TV series for HBO Max. *We Should All Be Feminists*, a long essay adapted from a 2012 TEDx Talk, was published in 2014, which won the 2017 Grand Prix de l'Héroïne Madame Figaro (nonfiction). Chimamanda divides her time between Nigeria, where she regularly teaches writing workshops, and the United States.

Adapted from: <https://literature.britishcouncil.org/writer/chimamanda-ngozi-adichie>

2.2 Read the biography again and match the information

- | | |
|------------------------------------------|---------------------------------|
| () The year she was born | a) 1977 |
| () Her first novel | b) Purple Hibiscus |
| () "We all should be feminists" | c) Where she studied in the U.s |
| () Eastern Connecticut State University | d) 2012 Ted Talk |

LANGUAGE AT WORK: **Simple past** is used to express the idea of a finished past in the present moment of speech, for example. This means to say that it has no relation either with the present or with the future. It is understood, therefore, that the simple past refers to actions, situations, finished events. Ex: she had several short stories published in literary journals.

2.3 The verbs below were taken from Chimamanda's Biography. Check the verbs on simple past:

- () written
- () studied
- () winning
- () won

2.4 You are going to watch a TED talk called "The Danger of a Single Story" from the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. Before you watch, let's know more about the genre Ted Talk and its types :

A TEDx Talk is a showcase for speakers presenting great, well-formed ideas in under 18 minutes.

Types of talks

The big idea

The talks that make one or two very strong points, and it's important. Examples: Bryan Stevenson, Onora O'Neill, Chimamanda Ngozi Adichie

The tech demo

An onstage look at some clever new invention that the speaker was a part of creating. Examples: Tan Le, Markus Fischer, Raffaello D'Andrea

The performance

Music, dance, magic, puppetry, or some other performance to captivate your audience. Examples: Usman Riaz + Preston Reed, Arthur Benjamin, Pilobolus

The artist's statement

In these talks, artists showcase their art and explain the meaning and process behind what they create. Examples: Raghava KK, Liu Bolin, Aparna Rao

The "dazzle with wonder"

These talks are mainly about the amazement of science and discovery. Examples: Yoav Med

The small idea

These talks are not about one big, world-changing idea, but instead a very engaging take on an interesting topic. Examples: Mary Roach, Joe Smith, Charlie Todd

The "issue" talk

These talks expose your audience to an issue that they may not otherwise know much about. Examples: Rodrigo Canales, Lawrence Lessig, Rose Georg

adapted from: <https://www.ted.com/participate/organize-a-local-tedx-event/tedx-organizer-guide/speakers-program/what-is-a-tedx-talk>. Acesso em 02 dez 2022

 2.5 Now, watch the TED "The Danger of a single story " by Chimamanda and Answer:

a) Chimamanda's talk can be considered a sample of "the big idea" type. Which are the main ideas from her speech?

- Mexican immigration
- Stereotypes
- Racism
- Poverty
- Life in the U.S.A



<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>

2.6 Why do you think Chimamanda's chose the word 'danger' in the title? what are the dangers of single stories according from her speech? Check the answers:

"to create a single story, show a people as one thing, as only one thing, over and over again, and that is what they become".

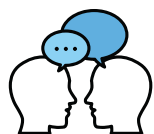
"I'm a storyteller. And I would like to tell you a few personal stories about what I like to call "the danger of the single story."

"Now, I loved those American and British books I read. They stirred my imagination. They opened up new worlds for me. But the unintended consequence was that I did not know that people like me could exist in literature. So what the discovery of African writers did for me was this: It saved me from having a single story of what books are."

2.7 Now, choose the best answer: What is the importance of Chimamanda's speech? and whom is it addressed to?

a) It is addressed to everyone, men or women, black or white people. It is important because the main theme is stereotypes.

b) It is addressed only for white people. It is important because the main theme is stereotypes.



2.8 After watching the video, discuss the question below with your classmates:

a) In her speech, Chimamanda mentioned some examples of stereotypes that she called single stories. What single stories do you think people tell about Brazil or Brazilians?





2.9 Which is your movie favorite character?

a) **Have you watched the movie Black Panther ?**



2.10 Read about the the main female characters from the movie "Black Panther" and answer the questions below:

SHURY, NAKIA, GENERAL OKOYE and QUEEN RAMONDA



<http://ovelhamag.com/pantera-negra-mulheres-wakanda/>

A) SHURI, THE GENIUS

This 16-year-old is not only second in line for the throne of Wakanda, but is also the head of the country's science and technology development program. According to the directors of Avengers: Infinity War, Joe and Anthony Russo, Shuri is the smartest character in the entire Marvel Cinematic Universe. Her inventions help to make Wakanda the most advanced civilization on the planet. Played by Letitia Wright, Shuri stood out as a fan favorite not only because of her incredible brains but due to her humor and liveliness. She is a typical little sister to T'Challa: mischievous and playful. She is confident and brilliant and serves as an inspiration that young girls can be the future of the scientific field.

<https://sites.psu.edu/jbpassion/2018/09/13/black-panther/> Acesso em: 14 abr.2022

B) NAKIA, THE SPY

Played by Academy Award winning actress Lupita Nyong'o, Nakia could have easily been reduced to a typical superhero love interest, contributing little to the overall story and constantly requiring rescue or reassurance. Although she is the love interest of the male lead, T'Challa, that is not the only thing that defines her. She is an incredibly accomplished spy and fighter. Nakia is fiercely loyal to her country and her people, willing to do anything to protect them.

<https://sites.psu.edu/jbpassion/2018/09/13/black-panther/>
Acesso em: 14 abr.2022

C) OKOYE, THE GENERAL

Okoye (Danai Gurira) is the commander of the all-female Wakandan special forces team called the Dora Milaje. These incredibly powerful women are the most elite group of fighters in Wakanda and dutifully serve the reigning king or queen. Okoye holds onto this belief of loyalty to the throne very strongly, even when it pits her against her husband on the battlefield. This sense of loyalty to the throne places her at odds with Nakia at one point in the film and leads to one of the most important scenes in the movie (at least in terms of female representation).

<https://sites.psu.edu/jbpassion/2018/09/13/black-panther/>
Acesso em: 14 abr.2022

D) QUEEN RAMONDA

Ramonda is a wise and strong-minded woman, a queen who had to win the trust and the respect of her people and who lived through a number of trials that would have broken the strongest men. Determined to serve her adoptive country as well as her step-son, Ramonda can be quite harsh on him when she believes he's not to be giving his everything for Wakanda, but she's the only one allowed to speak to the king the way she does without blame, after all, and T'Challa rightfully trusts her total dedication to the country and its people.

<https://moviecomicswhoswho.wordpress.com/2017/06/20/ramonda/>
Acesso em 17 abr 2022

2.11 Now answer these questions:

- A) What do those women have in common?
- B) Which feature makes each character special?

2.12 Which adjective from the text better describes each woman? Choose an alternative from the box :

CONFIDENT BRILLIANT LOYAL POWERFUL WISE STRONG MINDED



2.13 Quiz - Are you a Black Panther fan?
Open the qr code and find out:



TAKE ACTION



STORYTELLING

Storytelling é o ato de contar uma história através de uma narrativa, compartilhando fatos e acontecimentos que você ou outra pessoa experienciou.

2.14 Você já sofreu alguma forma de racismo? Já presenciou alguma situação envolvendo racismo? Como você se sentiu em relação a isso? O que você fez a respeito?



INFORMATION CORNER: Para mais informações sobre racismo e estereótipos, clique nos links:



2.15 Reflita sobre as perguntas acima e escreva a sua própria narrativa. Agora, compartilhe no padlet e conheça outras experiências .



UNIT 3

African American Language



3.1 Have you heard about African American English before? And about Ebonics? How do you think these languages varieties have influenced Black communities?

African American English (AAE)

It is a language variety that has also been identified at different times in dialectology and literary studies as Black English, black dialect, and Negro (nonstandard) English. Since the late 1980s, the term has been used ambiguously, sometimes with reference to only Ebonics, or, as it is known to linguists, African American Vernacular English (AAVE; the English dialect spoken by many African Americans in the United States), and sometimes with reference to both Ebonics and Gullah, the English creole spoken by African Americans in coastal areas of South Carolina and Georgia and on the offshore Sea Islands. <https://www.britannica.com/topic/African-American-English> Acesso em: 06 mar. 2022



3.2 Click here to watch: "Black English": How AAVE Developed From Slave Resistance & African Dialects"



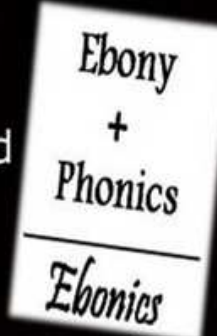
<https://www.youtube.com/watch?v=K7FIky7wplI&t=6s>



VOCABULARY LEARNING

EBONICS

Now what is Ebonics? Ebonics is Black-American English or what some people call ghetto English, black slang or street English. But Ebonics didn't come from the ghetto or streets of Black-America. Black English existed Three hundred years before the ghettos and the street life. Ebonics came from Black slaves whom had to learn English so they could communicate with their white slave Masters.



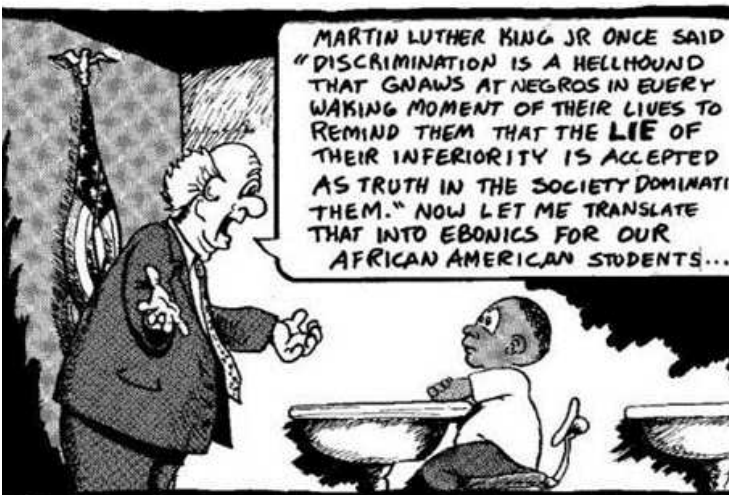
<https://www.slideshare.net/dianavalles1/african-americancharacteristicsandethicgroupebonics>.



3.3 Search on the internet some examples of words in EBONICS in music lyrics, comics, or cartoons.



3.4 Now, look at the pictures below and check which one has Ebonics words.





3.5 Read this article about discrimination towards AAVE speakers at U.S schools. Then, answer the questions below:

Discrimination towards AAVE speakers

Generations of white citizens maligned or mocked speakers of AAVE casting doubt on their intelligence and making their distinctive speaking patterns the object of racial ridicule (PBS, 2005).

Within public schools, educators teach students Standard English. As a result, many students feel that the use of African American Vernacular English is inappropriate. African American students cannot turn in essays using Ebonics, nor may they speak in that way during oral presentations. If they do, their grades will suffer, and other students may mock them. This ridicule creates code-switching that stays with the student throughout their life. Code-switching derives from African Americans' conscious efforts to adhere to standard English amidst white people.

<https://aninjusticemag.com/why-writers-should-embrace-ebonics-writing-skills-more-6a6adfdd63af> .Acesso em: 28 fev. 2022.



<https://the-magazine.org/12/aint-no-reason/#.YIN2BsjMLrc> Acesso em: 08 abr.2022

- a) According to the text, U.S. public schools' students cannot write or do oral presentations using "ebonics". Do you agree or disagree with that? Why?**
- b) Do you think schools should consider AAVE and not only American Standard English? Why?**
- c) In your school, do you think students need to "code-switch" to do oral presentations or do handwritings? Can you give an example?**



3.6 Look at the images below and discuss them with your classmates. Do you think that there is any kind of language discrimination? Why?



Disponível em: <http://mrswestaphg.weebly.com/matthews-project-dialects-affecting-your-future/ebonics-picture>
Acesso em: 08 abr. 2022.

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/6614730675494852/>
Acesso em: 08 abr. 2022.



Err,yes madam .

<https://me.me/i/its-english-not-american-english-there-is-no-such-thing-983689> acesso em 08 abr.2022



3.7 A) How do you think your family origins have influenced on your language?

B) In the United States, some people say that Ebonics or black English is a “street language”. Compared to Brazilian Portuguese, do think that there is also a “Black Portuguese”?



3.8 Now, read the excerpt below from an article of a Linguistics expert and answer the following questions:

The African Contribution to Brazilian Portuguese: To what extent did the speech of slaves influence the mother tongue?

by Fernanda Ferreira

What are the ethnolinguistic origins of the Africans who arrived in Brazil? Apparently, speakers from several different linguistic groups (including Mande, Kru, Gru, Kwa and Bantu) arrived in Brazil during three centuries of slave trade. Of these, the Bantu group came in the greatest numbers, comprising between 35% to 65% of all African slaves. It is approximated that of the African languages that contributed to Brazilian Portuguese, the Bantu languages (Kikongo, Kibumdu and, to a lesser extent, Umbundu) were the biggest suppliers of African-based conversational words. In other Caribbean countries, such as Haiti, the ratio of people of color to the white population is much higher: people of African descent comprised around 90% of the Haitian population. It is not surprising, then, that Haitian Creole is one of the languages now spoken on that Caribbean Island. Because of this multilingual tapestry in Brazil, the Portuguese language became the essential unifying mode of communication in a developing nation. Thus, a 60% to 40% ratio of Black and white population that was present in Brazil might not warrant overreaching conclusions about the development of Brazilian Portuguese, but it gives any linguist food for thought. In addition, some scholars believe that the presence of so many popular as well as cultured varieties of the language almost guarantees that no overreaching explanation about the origin of the more non-standard variety of Brazilian Portuguese can be attained. Heliana Mello argues that “the likeliest scenario [of language contact in Brazil] was a process of imperfect language shift to Portuguese by the African and Amerindian populations and their descendants.” By “imperfect language shift” it is understood that not all accepted grammatical norms of European Portuguese were maintained by later generations.

3.9 Write true (T) or false (F).

- a) () According to the text, the Bantu group came in the greatest numbers, comprising between 35% to 65% of all African slaves.
- b) () The Bantu language contributed to Brazilian Portuguese.
- c) () "Imperfect language" is understood as non-standard Portuguese language.
- d) () The Africans who arrived in Brazil did not influence the Brazilian Portuguese.



3.10 Observe a definição abaixo em inglês da palavra cafuné.



FONTE :<https://www.youtube.com/watch?v=gVDtPCCSvyA> Acesso em 21 abr.2022

3.11 Agora, utilizando a ferramenta Canva, escolha uma palavra em português com origem Africana, assim como no exemplo acima, e escreva sua definição em inglês.



Canva

Information corner: Para maiores informações sobre as influências africanas na língua portuguesa, visite o site abaixo:



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. O perigo de uma história única. Youtube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 21 ago. 2022.

CARDOSO, Pedro. Instagram lança novos recursos contra racismo e discurso de ódio, TECHTUDO, 2020. Disponível em :<https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/08/instagram-lanca-novos-recursos-contra-racismo-e-discurso-de-odio.ghtml> Acesso em 18 abr. 2022

FERREIRA, Fernanda (2002). The African Contribution to Brazilian Portuguese: To what extent did the speech of slaves influence the mother tongue?. *Bridgewater Review*, 21(2), 12-14. Available at: http://vc.bridgew.edu/br_rev/vol21/iss2/7 acesso em: abr. 2022

GAINES, Alisson. Why writers should embrace ebonics writing kills. *Aninjusticemag*. 2020. available at: <https://aninjusticemag.com/why-writers-should-embrace-ebonics-writing-skills-more-6a6adfdd63af>

MUFWENE, Salikoko Sangol. "African American English". *Encyclopedia Britannica*, 29 Jan. 2016, <https://www.britannica.com/topic/African-American-English>. Accessed 30 August 2022.

MUSTAFA, Mecca . The Manifestation of black stereotypes in todays media. *The Black explosion*. 2017. Available at: www.blackexplosionnews.com/blog/2017/9/30/the-manifestation-of-black-stereotypes-in-todays-media >accessed 09 jan. 2022

PILGRIM, David. The Sapphire caricature. Jim Crow Museum. Ferris State University. Published on: Aug. 2008. Disponível em: <https://www.ferris.edu/HTMLS/news/jimcrow/antiblack/sapphire.htm>. Acesso em: 20 out. 2021.